



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

JULIANA ALMEIDA CHAGAS

**IMAGENS E NARRATIVAS: A CULTURA NÔMADE DOS PIXADORES DE
FORTALEZA.**

**FORTALEZA
2012**

JULIANA ALMEIDA CHAGAS

IMAGENS E NARRATIVAS: A CULTURA NÔMADE DOS PIXADORES DE
FORTALEZA.

Monografia apresentada ao curso de
graduação em Ciências Sociais do
Departamento de Ciências Sociais da
Universidade Federal do Ceará, como
parte dos requisitos para a obtenção do
título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Glória Diógenes

FORTALEZA
2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que permitiu mais essa conquista na minha vida, que me deu forças pra escrever cada capítulo desta pesquisa.

Agradeço minha família que sempre apoiou meus gostos e decisões.

Agradeço ao meu namorado Hermes pela paciência, amor e ajuda prestada.

Agradeço à minha orientadora Glória Diógenes que é uma excelente professora e pesquisadora; que “abraça” os alunos que desejam pesquisar sujeitos inusitados; que é uma mulher jovem e motivadora das juventudes.

Agradeço aos pixadores de Fortaleza das décadas de 80, 90, 2000 e 2010, aqui misturados, em suas contribuições e aparições nessa pesquisa: Fuga RM, Snow TB, Seco GDR, Pango SA, Sask DNG, Zarco PNG, Tira GU, Gordo GDR, Strayck RAP, Doido VS, Muleka EF, Rato PCX, Mala VS, Tefinha VS, Bafu GDR, Liso GDR, Scorpion SR, Mutreta , Pato GT, Master AC, Cancao RPM, Raposão FG, Cupim RM, Kakinho GUP, Falcão GDR, Taz SF, Rato MP, Pastor FG, Kite FG, Grud FG, Sombra FG, Tatoo FG, Guga FG, Osso LSD.

Agradecimento em especial ao pixador Fuga RM que está produzindo um trabalho incrível de catalogar e entrevistar os primeiros pixadores de Fortaleza, disponibilizando esses vídeos livremente na internet pelo site *Youtube*.

Agradeço, também, aos pixadores de São Paulo e do Rio de Janeiro que em suas falas muito contribuíram para essa pesquisa: Caroline Pivetta, Cripta Djan, Nuno DV.

“ ♣ OrAçãO DoS PiXaDoReS ♣ ¹

LaTa NoSsA QuE EsTaIs Na MoChIIA
 BeM SaTiSfAtOrIo SeJa O SeU LiQuIdO
 VeM A NÓs A SuA TiNtA
 SeJa FeItA A NoSsA “GrIfF”²...
 AsSiM No MuRo CoMo Nu PoRtãO
 O SpRaY De CaDa DiA NoS DáI Hj
 PeRdOe NoSsOs ErRiNhOs
 AsSiM CoMo NoS PeRdOaMoS Os BaFoS
 tOdo NoSsO!
 NãO NoS DeIxE CaIr NaS MãO DoS GaMbÉ!
 MaS LiVrAi-NoS Do DiStRiTo!!!”

¹ : Visualizada no blog de um pixador. Disponível em: <http://robsoninfor.blogspot.com.br/2008/09/oraos-dos-pixadores.html> Acesso em 14/05/12, às 21h55.

² : As palavras em itálico nesta pesquisa terão seus significados explicados no Glossário presente na página 78.

RESUMO

Essa pesquisa designa a estudar a categoria social do pixadores na cidade de Fortaleza investigando suas práticas urbanas pela cidade através de um processo investigativo das imagens e narrativas construídas pelos pixadores nas redes sociais da internet. Os pixadores interferem na paisagem urbana através da pixação, a pixação é um movimento juvenil comumente encontrado nas metrópoles brasileiras, suas inscrições atestam uma comunicação simbólica através dos muros e espaços físicos da cidade. O xarpi é a marca representativa do pixador que numa rede de interação promove sociabilidades e conflitos na cultura da pixação. O xarpi faz com que o pixador exista na cidade multiplicadas vezes através desse “nome de guerra”, é uma presença simbólica demarcada em inúmeros territórios ao mesmo tempo.

A pesquisa identificou dois momentos na cultura da pixação de Fortaleza, o primeiro trata-se da geração da década de 80 e 90, o segundo dos anos 2000 a atualidade da presente investigação. Entre semelhanças e diferenças constatadas concluímos que a pixação é um movimento em constante crescimento e inovações de carga semântica e simbólica.

Palavras-chave: pixação, pixadores, juventude, território, rede social, sociabilidade, conflito, Fortaleza.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 01: Anos 89/90, galera da F.G.	18
IMAGEM 02: Estilo gráfico de pixação no Rio de Janeiro.	19
IMAGEM 03: Estilo gráfico de pixação de São Paulo.	19
IMAGEM 04: Pixação em altura.	24
IMAGEM 05: Pixadores simbolizam as iniciais da sigla com as mãos “VS”.	27
IMAGEM 06, 07, 08: Três exemplos de pixação.	30
IMAGEM 09: Homenagem a um pixador.	32
IMAGEM 10: Os xarpis.	34
IMAGEM 11: “A lenda vive”.	37
IMAGEM 12: Dedicatória de TEFINHA V.S. para CURU, “de coração”.	38
IMAGEM 13: Xarpi com a simbologia do nº 1.	40
IMAGEM 14: Gráfico enquete “Qual melhor visual pra colocar um xarpi?”.	41
IMAGEM 15: Esquadrão da Zona Rebelde + Liberdade Viglada.	42
IMAGEM 16: Convite virtual para reunião de pixadores.	44
IMAGEM 17: Fachada do Camelódromo.	47
IMAGEM 18: “O mãe desculpa eu?”.	50
IMAGEM 19: “Rodar faz parte”.	55
IMAGEM 20 e 21: Símbolos de violência e poder.	56
IMAGEM 22: Simbologia de poder.	57
IMAGEM 23: Para os L.V. “de rocha”.	58
IMAGEM 24: “Cadê o Bichão?”.	61
IMAGEM 25: “19/03/ ? O REI!!!! TANGO ER”.	65
IMAGEM 26: “Por do Sol: a firma é forte. A lei do mais alto”.	67
IMAGEM 27 : Pixações em outdoor.	68
IMAGEM 28: “Homem Aranha”.	69
IMAGEM 29: “Vem na trilha”.	70
IMAGEM 30: “Vem na trilha”. (Detalhe).	70
IMAGEM 31: “Pixação em pedra”.	72
IMAGEM 32: “Pra não perder a noite”.	73
IMAGEM 33: “TB PREVCON 20 ANDARES. VAI VENDO!”.	74
IMAGEM 34: “As gatas me ama”.	75
IMAGEM 35: “Raposão F.G.” (1990).	77

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. HISTÓRIA DA PIXAÇÃO EM FORTALEZA	15
3. AS CONVENÇÕES DO <i>XARPI</i>	29
3.1 A SOCIABILIDADE ENTRE OS PIXADORES	34
3.2 O CONFLITO ENTRE OS PIXADORES	45
3.3 VIOLÊNCIA E ILEGALIDADE	49
4. A CIDADE COMO LUGAR DE ESCRITA	62
4.1 A IMAGEM COMO REPRESENTAÇÃO DO PIXADOR	64
5. CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
GLOSSÁRIO	84
LISTA DE ENTREVISTAS	85

1. INTRODUÇÃO

A primeira lembrança que tenho sobre *pixação*³ vem do meu olhar curioso por sobre o muro da minha casa que dava para o quarto do meu vizinho, no início da década de 90. Eu tinha uns 8 anos e esse vizinho mais contemporâneo dos meus irmãos devia ter uns 13 anos. Eu nunca soube o porquê do quarto dele ter todas as paredes de cima abaixo pixadas. Os anos se passaram e eu sem pedir explicação fiquei apenas com aquela imagem na memória, que me volta à tona com a mesma curiosidade de antes.

Alguns anos mais a frente, reformamos nossa casa e o muro que dava para a casa daquele vizinho ficou alto e não podíamos mais sentar nele e trocar de casa pulando-o. Da mesma forma o muro da fachada de nossa casa perdeu a tradicional tinta caiada branca e combogós para as feias, frias e econômicas cerâmicas que compõem vários muros nos dias de hoje. Perdi, então, a imagem mais curiosa que permeava minha infância, e o assunto *pixação* surgia, vez por outra, nas rodas de conversa dos meninos, que confessavam ser o muro da nossa casa impróprio para *pixar*, além disso, que muro de amigo de *pixador* não era riscado.

Passou a década de 80, a década de 90, e ainda nos anos 2000 a *pixação* continua a ser um movimento em constante crescimento apesar da Lei de Crimes Ambientais (9.605 / 98); artigo 65 onde diz que *pixar* ou *grafitar* edificação ou monumento urbano tem como pena detenção de três meses a um ano, e pagamento de multa. Essa ação delituosa urbana resiste mesmo com o surgimento do *grafite*⁴ e de ações de políticas públicas que tentam ensinar a arte do *grafite* para os *pixadores*, numa perspectiva de mudança. As oficinas de *grafite*, assim, viabilizariam um crescimento pessoal do *pixador* e a oportunidade de desenvolver uma nova técnica de apreço, pois somente o *grafite* tem atributos de uma apreciação nas ruas e ser considerado como Arte.

No Brasil é costume distinguir-se o *grafite* propriamente dito das *pichações*, que consistem em certo tipo de *grafemas* mediante os quais os jovens, em especial os menores, provavelmente entre doze e quinze anos, escrevem seus nomes e os enfeitam com formas estilizadas. O ponto de risco desses *grafemas* não está tanto no

³ : a palavra *pichação* bem como suas derivações (*pixar*, *pixo*, *pixador* e etc) serão grafadas com “x” porque é desta forma que a fala dos nativos informam que as utilizam.

⁴ : o *grafite* (grafia abreviada) faz parte da cultura Hip Hop, nascida nos Estados Unidos na década de 70, que tem como conjunto a música rap, o break dance e a expressão plástica do *graffiti*. (PAIS, 2000, p.175)

que dizem, pois afinal não passam de letras de um nome ou de um sobrenome, mas no local em que são inscritos: a fachada do último andar de um edifício, o cimo de uma ponte. (SILVA, 2001, p.5)

Pesquisar a pixação faz descobrir que para esses jovens pixar não é apenas deixar um risco no muro numa atitude isolada, simples e despreziosa os quais julgam os poderes públicos. A sociedade, também, compartilha da opinião de tratar-se de vandalismo, pois para ela, de modo geral, esses riscos são destituídos de estética e somente enfeiam a cidade. Porém, se equivoca quem a julga simplória como aparenta ser, na recente palestra que o professor doutor em antropologia da USP, José Guilherme Magnani, proferiu no departamento de Ciências Sociais da UFC. Esse especialista em antropologia urbana afirmou que os pixadores constroem seus trajetos pela cidade e inventam suas regras de convivência, tornando essa prática densa e organizada, alimentando a cidade e sendo por ela alimentada. O palestrante refletindo sobre a pesquisa realizada por seu orientando, Alexandre Pereira, informou que apesar do grafite e a pixação serem duas práticas sociais urbanas diferentes, em São Paulo, muitos grafiteiros são pixadores ou já foram um dia. A prefeitura de São Paulo promoveu, em certa data, um projeto social que gratuitamente fornecia material e ensinava a técnica de grafite para os pixadores. Percebeu-se que estes freqüentavam o curso e à noite continuavam a rabiscar a cidade com os sprays ganhos.

A pixação por ser uma atividade ilegal de grupos de jovens que ousam arriscar seus corpos nessa prática urbana, adquire julgamentos pré-estabelecidos na sociedade. Alguns os enxergam como jovens marginais que estão ociosos nessa fase da juventude e que pertencem à teia da criminalidade no que tange ao uso de armas e drogas. Pautado nesse discurso social do senso comum, é comum diferenciar grafite de pixação como contrários, como exemplos: o bom e o mau, o belo e o feio. Marcada essa diferenciação é comum vermos estratégias de órgãos públicos em práticas de ações sociais objetivadas em transformar pixadores em grafiteiros, como atesta o depoimento abaixo:

No decorrer do tempo essas expressões [pixação e grafite] foram se distanciando, tornando-se antagônicas. A mídia, pesquisadores e opinião pública não fazem a mesma confusão de outrora no uso da mesma nomenclatura. Hoje, o grafite é reivindicado, considerado e cristalizado como arte, há tempos invadiu galerias e museus. É visto muitas vezes, com o discurso do poder público e de ONGs, como sendo inclusive uma possível alternativa no combate a pichação, numa tentativa de “converter” saberes, criatividade e agilidades dos pichadores para uma expressão na esfera da arte, possibilitando, assim, “tirar os jovens da criminalidade e das gangues”. (SANTIAGO, 2011, p.50)

No entanto veremos mais adiante que a caricatura social empregada na pixação faz com que ela adquira interpretações dentro do campo das práticas de violência. Nesse sentido há uma diferenciação sentida pelos antigos pixadores, geração anos 80 e 90, em relação à pixação em prática nos dias de hoje, essa assunto será melhor esclarecido no sub-capítulo Violência e ilegalidade.

Em Fortaleza, pensa estrategicamente aquele morador que tem a atitude de demarcar no muro um “espaço reservado para pixadores”, pedido quase nunca atendido ou satirizado quando as pixações preenchem o muro, deixando livre apenas a área reservada. A pixação segundo Santiago (2011, p.18) possui “uma dinâmica que constrói saberes que tem o drible, a astúcia, a velocidade, o destemor e a criatividade como elementos essenciais de sua constituição”. É pertinente saber que a ação da pixação nasce determinada a burlar regras, a ir contra a corrente da vida cotidiana. Essa ação é justificada pela adrenalina e ousadia, assim, um muro que propõe um espaço delimitado para a pixação não será atendido, será ironizado tal qual o pixador faz nas andanças pelas ruas despistando os vigias, desafiando alturas e disputando através da velocidade o tempo marcado no relógio.

Em “Enigmas do medo – juventude, afetos e violência” atenta-se que o processo de metropolização das cidades brasileiras na década de 1970 fez com que geograficamente a cidade em que vivemos apresentasse uma estratificação de seus indivíduos de acordo com o respectivo poder econômico. “Tentativas de zoneamento pretendiam definir usos e ocupações do espaço e acabavam produzindo cidades partidas e desiguais, compondo o mesmo cenário” (DIÓGENES, 2011, p.211). Observa-se que na dinâmica da vida social, as ações de opressão emitidas por classes sociais detentoras de poderes são sentidas pelas classes sociais mais pobres e produzem reações. A classe pobre que parecia estar acomodada à vida difícil, reage com força de revolta, ansiando mudanças em busca da igualdade, no direito de ser reconhecida como cidadã, o direito a trafegar pela cidade e em seu uso público, direito à moradia e nas necessidades de primeira instância como alimentação, saúde e emprego.

A “era dos direitos”, deflagrada com as greves do ABC paulista no final dos anos 1970 e que eclode através da mobilização de múltiplos sujeitos, movimenta, dá visibilidade e esmaece as fronteiras da segregação urbana. *Os outros* se diversificam e assumem lugares e modos diversos de expressão. Rompem-se as barreiras e os denominados pobres proclamam em voz alta suas demandas, desfilam suas desvalias e exibem suas revoltas em praça pública. (DIÓGENES, 2011, p.211)

Assim a dinâmica dos territórios fixos e dos fluxos dos sujeitos, usando os conceitos de Lucrecia Ferraro, se desestabilizam, e os indivíduos segregados geograficamente lutam contra essa opressão física tomando a cidade como suporte para suas diferentes manifestações.

A imagem da cidade de Fortaleza, em seu surgimento, é destoante, assim como aconteceu em outras capitais brasileiras. Nos arredores do centro comercial surgem as ruas e praças urbanizadas com casas e sobrados, compondo o lar da burguesia. Nos lugares periféricos surgem sem planejamento os conglomerados habitacionais sem infra-estrutura básica, e esse contrastante cenário propicia insurreições, manifestações diversas de problemas sociais.

Como podemos observar nas marginais do Rio Pinheiros em São Paulo ou em outras grandes artérias que são teatro do deslocamento motorizado, exibem-se, de um lado, as torres construídas em concreto, aço e panos de vidro e, de outro, mal se esconde o contraste da precariedade habitacional e estrutural das favelas, dos loteamentos clandestinos e das áreas invadidas. Esse contraste marca os fixos da metrópole e contamina seus fluxos, hibridizando-os. (FERRARO, p.130, 2009)

Em face desse contraste urbano pulsa a vida cotidiana da periferia que transborda a rigidez dos espaços fixos. Os pixadores trafegando por entre as zonas proibidas (áreas da cidade construída para as famílias das classes altas) vivem a seu modo, interferindo na paisagem desses lugares de forma ousada. O espaço urbano moderno transcende os limites geográficos e se funda essencialmente através da percepção de cada um de seus habitantes. “As relações vão além do espaço público cosmopolita, ou melhor, recria-se o domínio público, mas, agora, sem limites geográficos ou sociais. Portanto, a dinâmica dos fluxos dos lugares cosmopolitas ou da metrópole re-escreve-se em dinâmica fluida e flexível.” (FERRARO, p.135, 2009)

Devemos reconhecer que a história da vida urbana não é orquestrada numa ordem social objetiva em que o Estado rege as regras da vida social e por assim os sujeitos se disciplinam, por mais comum que isto possa parecer. Existe um microcosmo de vida nas zonas de periferia das cidades como nos aponta Michel de Certeau (2008), ao dar importância sociológica ao homem ordinário que constrói com astúcia o seu modo de vida e sua mobilidade dentro da cidade. Alguns desses sujeitos ordinários são os jovens de classe baixa, moradores da periferia que utilizam a cidade como lugar de expressão, de visibilidade para uma juventude anônima. “Signos da violência, práticas do espaço e estratégias de expressão e visibilidade pública tornam-se argamassas

centrais e ambivalentes na construção e ampliação de práticas de inserção social”.

(DIÓGENES, 2011, p.211)

Uma manifestação da expressão juvenil presente de forma latente em várias cidades brasileiras é a pixação. Trata-se de um signo visual encontrado no corpo físico da cidade e executado pela figura do pixador. Este ser social, urbano e jovem de periferia é afetado pela cidade que o segrega, que na dinâmica da vida social das classes e instituições produzem imposições morais que tentam definir os papéis sociais na cidade. O jovem ultrapassa a condição de passividade para a atividade, afetando, também, esta mesma cidade por meio da tentativa de projetar as suas marcas incansáveis. Eles são fiéis às suas assinaturas ou *xarpis*⁵, tendo que para executá-las burlar as regras de convivência e convenções morais.

Partindo do pressuposto de que os jovens se projetam como termômetro e vitrine que parece tornar públicas e visíveis as tensões sociais, são eles os primeiros a tentar romper ou simplesmente se rebelar contra uma ordem que fala através deles e, concomitantemente, os exclui. (DIÓGENES, 2011, p.211)

Os pixadores, motivados pelo desejo de ascender socialmente perante a rede de jovens e de serem lembrados mesmo quando pararem com essa atividade urbana, investem suas horas e momentos livres nessa ação “marginal”, fazendo da pixação, mais que um lazer, motivo principal que norteia o seu cotidiano. Essa pesquisa surge a partir da indagação: como e quando surgiu a pixação em Fortaleza? Quais os usos da cidade para o pixador, e em que sentido? Qual o imaginário urbano construído pelo pixador em suas práticas na cidade? Quais características norteiam a cultura da pixação?

Partindo da observação das práticas sociais em torno da pixação desses jovens na cidade e de suas comunicações sejam elas de natureza simbólica, literal ou virtual procuraremos tentar compreender na medida do possível o universo da pixação, suas primeiras aparições e histórias, suas simbologias, as pretensões dos que praticam a pixação, as imagens da cidade de Fortaleza produzidas pelas práticas dos pixadores e seus discursos de experiências na cidade.

A metodologia dessa pesquisa acontecerá por intermédio de entrevistas pessoais e virtuais (utilização de programas na internet, ligações telefônicas) juntamente com a inserção do pesquisador nas redes sociais, assim pretende-se investigar e deixar emergir

⁵ : é o plural de xarpi, palavra criada através da inversão das sílabas da palavra pixar. Xarpi ou foneticamente ‘xarpí’ significa a atividade da pixação, também denomina a marca pessoal do pixador, exemplos de xarpis: Mutreta, Pango, Snow.

as narrativas dos pixadores e as imagens de suas pixações para elaborar linhas interpretativas, buscando um esclarecimento para essa ação urbana.

Essa pesquisa iniciou-se em 2010 com trabalhos de campo em disciplinas na faculdade, tendo uma maior produção no final de 2011 até maio de 2012. Ao longo desses meses em pesquisa foram feitas várias entrevistas pessoalmente e aconteceram corriqueiras conversas na internet utilizando programas de bate-papo. Dessa troca de experiências, utilizei para este trabalho sete entrevistas principais, feitas pessoalmente em idas a campo e na minha participação em duas reuniões de pixadores.

Os principais interlocutores presentes nessa pesquisa foram Snow TB, jovem de 21 anos que pratica a pixação desde os 16 anos; Sask DNG; Boy LDP 16 anos, pixa desde os 8 anos; Pango AS, pixador de 37 anos, muito considerado em Fortaleza, iniciou com 14 anos em 1989 sendo um dos poucos da geração 80/90 que ainda pixa no presente ; Seco GDR, pai de família de 32 anos que pertence a geração anos 90 da pixação em Fortaleza; Fuga RM, pai de família de 35 anos que também pertence a geração anos 90 e que promove um trabalho de reconstituição da história da pixação em Fortaleza através de entrevistas pessoais divulgadas no *youtube* e por reuniões de integração entre os pixadores da década de 80 e 90.

Outros pixadores, também, contribuíram com informações e imagens para essa pesquisa, alguns destes de forma impessoal quando me utilizei dos seus relatos provenientes de vídeos no *youtube*. E também me utilizei de imagens de pixações e comentários divulgados publicamente nas redes sociais, *Orkut* e *blogs*.

É comum os pixadores utilizarem as redes sociais como *orkut*, *youtube* e *blogs* para postarem imagens das suas andanças e ações pela cidade de Fortaleza. A internet é uma nova ferramenta para que eles divulguem seus pixos, marquem encontros e construam uma rede de informação para a promoção pessoal, da *sigla*⁶ e do movimento da pixação.

Noticiar a produção de pixos através de imagens e comentários nas redes sociais é uma prática extra atrelada à atividade de pixar. O pixo no muro comunica simbolicamente a um grupo de pessoas que traduzem aqueles significados, além da marca no muro o pixador registra aquela imagem e a divulga em sites na internet

⁶: é a forma abreviada do nome do grupo ou da família a qual pertence o pixador, exemplo de sigla: TB “Terroristas dos Bairros”.

promovendo inúmeras outras comunicações e aparições de seu pixo. O uso da internet faz com que o pixador exista na cidade multiplicadas vezes através da sua marca, é uma presença simbólica demarcada em inúmeros territórios ao mesmo tempo.

A pixação aprendeu com a publicidade a se tornar massiva, a estar em maior número pela cidade como os cartazes de *outdoor*, *banners*, placas e outras tantas ferramentas de comunicação visual impregnadas no visual urbano. O lema comercial “quem não é visto não é lembrado” praticamente está no subconsciente dos pixadores, tanto mais inserido na teia comunicativa da pixação mais este pixador pertencerá ao grupo de pixadores. Portanto, não basta para eles inscrever-se na cidade é também prescindível que ele participe da rede social gerada nos meios “reais” e “virtuais” da internet.

Sair sozinho às ruas à noite, riscar alguns muros no anonimato usando um pseudônimo, voltar para casa mantendo o sigilo dessa ação para qualquer pessoa, essa descrição de cena possui várias características de uma atividade de pixação, mas não é a pixação caracterizada a qual estamos discutindo nessa pesquisa. A prática individual e isolada de riscar o muro e manter-se completamente anônimo para os outros não possui sentido para os jovens os quais estamos tratando. A pixação existe porque é plural e ramificada, porque faz parte de uma teia de comunicação e dialoga com muitos outros jovens sobre suas vivências e experiências. E nessa troca constante de energia a pixação, o pixador e o pixo ganham cada vez mais argumentos para existirem, fortalecem a partir da construção de uma comunicação conjunta que se energiza e revitaliza culminando em uma produção constante cotidiana e em um assunto novo de uma temática que já existe há quase trinta anos⁷.

⁷ : segundo a pesquisa de Santiago (2011) a pixação na cidade de Fortaleza surgiu por volta do ano de 1986.

2. HISTÓRIA DA PIXAÇÃO EM FORTALEZA

Segundo Diógenes (1998), a história de formação das cidades é quase sempre recortada pela ação de grupos que se colocam como *outsiders*⁸, agentes desestabilizadores do ideal de ordenação. O grafite e a pichação são meios pelos quais jovens de periferia encontraram de visitar e invadir de forma simbólica o centro da cidade, ou seja, uma maneira de contestação e inscrição no espaço destinado apenas à riqueza.

Tanto o graffiti como a pichação usam o mesmo suporte – a cidade – e o mesmo material (tintas). Assim como o graffiti, a pichação interfere no espaço, subverte valores, é espontânea, gratuita e efêmera. Uma das diferenças entre o graffiti e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita, ou seja, o graffiti privilegia a imagem; a pichação, a palavra e/ou a letra. (GITAHY, 1999, p.19)

No programa *Sem Fronteiras: Plural pela Paz* da rádio Universitária FM 107,9 da Universidade Federal do Ceará participei⁹ juntamente com os artistas urbanos Narcélio Grud¹⁰ e Robézio Marques¹¹ da discussão sobre o tema *Arte Urbana em Fortaleza*. Diante de conversas e apresentação dos trabalhos realizados por cada um dos convidados, o apresentador e produtor Henrique Beltrão pergunta sobre o que diferencia grafite de pichação. Narcélio Grud que foi integrante mascote do grupo de pixadores F.G. “Feras dos Grafiteiros” discorre que ambas são práticas de intervenção urbana que estão alocadas nas ruas, mas que nós brasileiros tivemos a sorte de possuir um outro termo, *pichação*, para diferenciar essas duas práticas.

⁸ : categoria do sociólogo Norbert Elias (2000) que no livro “Os estabelecidos e os outsiders” fala que os outsiders numa comunidade estudada era um grupo de pessoas recém-chegadas que não eram aceitos coletivamente pelos estabelecidos, grupos de moradores mais antigos. Pois os estabelecidos sentiam seu poder de domínio sobre o bairro ameaçado pelos novos integrantes.

⁹ : o programa ao vivo foi transmitido dia 17 de maio de 2012, das 14 às 15hs. A autora desta pesquisa participa do grupo coletivo de intervenção urbana *Selo Coletivo*, composto pelas artistas plásticas Bruna Beserra, Cecília Shiki, Juliana Chagas e Tereza Cristina.

¹⁰ : artista urbano e inventor, cria novas tecnologias para suas pinturas e intervenções sonoras. <http://www.flickr.com/photos/narceliogrud>

¹¹ : artista plástico integrante do grupo *Acidum* de intervenções urbanas. O grupo Acidum surgiu na cidade de Fortaleza em 2008. “O Grupo Acidum é um grupo que agrega em si várias linguagens, com ações que vão de oficinas à “grafitagens coletivas”, passando por exposições em museus e galerias, virais na internet e a publicação de um livro, que na verdade é um histórico onírico-caótico dos seus cinco anos de existência.” < <http://grupoacidum.blogspot.com.br/>>

Para melhor esclarecermos o que significa a pichação, vamos diferenciar os termos *graffiti* e pichação.

A nomenclatura *graffiti*¹², em sua origem, se refere às primeiras inscrições surgidas, por exemplo, como as encontradas nas paredes de Pompéia, cidade vitimada pela erupção do vulcão Vesúvio e por isso preservada (GITAHY, 1999), também como as inscrições *Taki 183* espalhadas pelas paredes da cidade de Nova Iorque (PAIS, 2000). Porém a cultura *graffiti* desenvolveu novas técnicas de inscrição uma das quais, por exemplo, é a utilização de muitas cores e figuras (os personagens), essa é a forma comum do *graffiti* no Brasil.

O termo *graffiti* na Europa e Estados Unidos é o mesmo termo ora para designar uma atividade subversiva dos *writers*¹³ ora para um mural com imagens elaboradas que cativam o público. O uso da mesma nomenclatura no estrangeiro ainda, por vezes, dificulta a aceitação do *graffiti* segundo a pesquisa de Pais, 2000. O depoimento abaixo do fotógrafo-pesquisador da galeria Choque Cultural¹⁴ confirma esse assunto em torno da ilegalidade das práticas do *graffiti* e pichação no panorama europeu e brasileiro.

A pichação e o *graffiti* são vandalismo e arte também. Crime e Arte ao mesmo tempo. O *graffiti* tem essa aura de pintura autorizada, mas não é. É ilegal também. Mas tem apelo estético maior. É colorido, harmônico, tem personagens bonitinhos. A sociedade absorveu o *graffiti* a partir de 1995, e agora, desde o ano 2000 está bombando. O *graffiti* no resto do mundo é tratado como crime. É super combatido. Nos Estados Unidos e Europa tem uma unidade de polícia específica, assim como Homicídios, que se chama Vandal Squad. Lá o grafiteiro pega cadeia e paga multa. Um cara recentemente pegou seis anos de prisão em cadeia de segurança máxima, pegaram ele pra Cristo, para assustar mesmo, porque eles dão prejuízo. O *graffiti* em Nova York morreu, não existe mais como antes. O cenário aqui (Brasil) é diferente, o *graffiti* virou um instrumento para combater a pichação. Os caras financiam grafiteiros famosos, contratam para fazer mural e combater a pichação. Mas os pichadores se ligaram disso e já estão atropelando esses trabalhos. (Fotógrafo da galeria Choque Cultural) Disponível em: <http://repique.blog.terra.com.br/2008/10/27/fotografo-conta-detalhes-da-pichacao-na-bienal/> Acesso em 05/05/12 às 18hs.

¹² : “Efectivamente, o *graffiti* original do mundo hip hop subdividi-se numa série de tipos de intervenção distintos: a realização avulsa de assinaturas estilizadas, a realização de um nome com letras a cheio, caracterizado por intervenção rápida e utilização de poucas cores, ou a produção de um nome colocado sobre um fundo elaborado e envolvido numa série de elementos esteticamente enriquecedores, onde habitualmente se emprega grande quantidade de cores. (PAIS, 2000, p.176)

¹³ : “Quanto aos conteúdos que constituem as pinturas destes artistas de rua, eles são extremamente variados, mas, a representação de letras assume um lugar de destaque nesta actividade, o que leva, por vezes, os seus protagonistas a designar a sua arte como *writing* em vez de *graffiti*. Como consequência, os próprios praticantes auto-denominam-se *graffiters* ou *writers*. (PAIS, 2000, P.176)

¹⁴ : Situada em São Paulo, a galeria é voltada principalmente para linguagens cotidianas, como street art. (www.choquecultural.com.br)

Afora esse panorama europeu, no Brasil o grafite (termo abraçileirado) surge de forma mais legitimada, pois ganhamos o termo pichação para diferenciar essas duas práticas urbanas. Na entrevista abaixo o pixador paulista Cripta Djan que foi convidado para intervir numa galeria em Paris em 2009, discorre sobre o termo pichação:

Os repórteres de toda Europa que me entrevistaram, não sabiam o que era a pichação, eles perguntavam se era uma espécie de *graffiti* ou *tag*¹⁵, e expliquei a todos que a palavra pichação e pixador, não tinha tradução e que era um movimento único do Brasil, que não teve influencia de nenhum outro país. Agora sim o mundo vai começar a descobrir o que realmente é a pichação. (Cripta Djan¹⁶)

Cripta Djan enfatiza o termo pichação como movimento original da cultura brasileira. Surgida nas capitais paulista e carioca, na década de 80, a pichação se irradiou para outras cidades brasileiras.

Neste trabalho discutiremos a pichação na cidade de Fortaleza que surgiu por volta do ano de 1986, de acordo com a pesquisa de Santiago (2011), e que continua em expressão no cenário fortalezense. Caracterizada como uma inscrição urbana nos muros, marquises, prédios ou qualquer outro espaço urbano, feita por jovens de classe baixa e classe média, a pichação fortalezense ganhou corriqueiras notícias em jornais impressos locais nos anos de 1990 à 1992. Porém sem entender esses rabiscos que surgiam na metrópole de Fortaleza as notícias por ora escreviam os termos pichação e grafite ou pixadores e grafiteiros para falar do mesmo grupo noticiado.

Ao final da década de 1980 e início de 1990 as expressões pichação e grafite começavam a ter maior visualização e divulgação em Fortaleza, período que se estruturam e começam atuar as primeiras gangues de pichadores fortalezenses. A mídia, nesse período, fazia uma misturada e mesmo uso em relação às duas terminologias, começavam um texto com o nome de pichação utilizando também grafiteiros para falar da ação de pichadores, que eram constantemente pautas de reportagens e denúncias. (SANTIAGO, 2011, p.43)

Mas esse movimento subversivo que surgia nas avenidas de Fortaleza tratava-se da pichação em sua forma mais tradicional de produção com o uso do *spray*, na

¹⁵: Tag é o mesmo que assinatura. Pode ser assinatura do autor do grafite, como também a assinatura solta pelos muros. (Apostila de Arte Urbana feita por Robézio Marques e utilizada pelo grupo Acidum)

¹⁶: Cripta Djan é um famoso pixador de São Paulo. Esse depoimento faz parte do vídeo “Pichação busca reconhecimento e é discutida por acadêmico”. Disponível em : <http://www.youtube.com/watch?v=UzuCPnDFa4w> Acesso em 11/05/12 às 23hs.

monocromia do traço, em uma grafia estilizada que deixava exposto o pseudônimo e a família¹⁷ de pertencimento do pixador.

Pixar a cidade possibilitava a um grupo deixar vestígios, suas marcas. Os primeiros grupos de Fortaleza eram denominados de “Rebeldes da Madrugada” (R.M.), “Feras dos Grafiteiros” (F.G.) e “Domínio das Ruas” (D.R.) (DIÓGENES, 1998).

Numa alusão a essa prática subversiva e coletivamente praticada por jovens os termos *rebeldes*, *madrugada*, *feras*, *domínio* e *ruas* são palavras-chaves que em sua semântica caracterizam a atividade da pixação.



IMAGEM 01: Reportagem para o Diário do Nordeste. Av. Pontes Vieira. Anos 89/90, galera da F.G. “Feras dos Grafiteiros”. Segundo Narcélio Grud da esquerda p/ direita: Tatoo e Guga, Sombra, Narcélio Grud, Kite acima, garoto agachado não identificado e Pastor.

FONTE: Arquivo virtual de Davi Viana disponível em seu perfil social do Facebook.

A pixação surgida na cidade de Fortaleza foi inspirada nos moldes da pixação carioca, “a pichação carioca difere da de outras cidades, principalmente, pelos traços curvos (em São Paulo, predomina o reto)” (COSTA, 2009). Há uma nítida semelhança

¹⁷: Família no uso nativo do termo significa o grupo de amigos pixadores, de jovens com semelhantes afinidades, congregados em uma mesma sigla, não há, necessariamente, o envolvimento por relações de parentesco.

da pixação carioca e a fortalezense, o xarpi é curvo ou embolado, com letras sobrepostas, a dinâmica de execução é semelhante também, é um traço contínuo do começo da primeira letra do xarpi à letra final. Em contraposição, a pixação paulista é detentora de uma caligrafia única, seu xarpi é executado letra por letra, há um estilo de linhas e ângulos retos.



IMAGEM 02: Estilo gráfico de pixação no Rio de Janeiro.

FONTE: Arquivo presente no blog do pixador Nuno, disponível em www.nunodv.blogspot.com.br. Acesso em 06/05/12 às 20hs.



IMAGEM 03: Estilo gráfico de pixação de São Paulo.

FONTE: Arquivo disponível em <http://www.descolex.com/2010/03/alfabeto-pixacao-simbolos/>. Acesso em 11/05/12 às 21:30hs.

As entrevistas feitas com os primeiros pixadores de Fortaleza atestam a figura de *Rape*, jovem carioca, como difusor do xarpi carioca entre jovens fortalezenses, no ano de 1989. De acordo com relato do pixador *Pango* presente na pesquisa Santiago, 2011, abaixo:

O meu primeiro “nome” era Vavão da V.M. (Vândalos da Madrugada), era uma gangue aí, e o líder era o Pavão. Vavão era meio que “chupação” de Pavão, parecia com o dele. Então nós encontramos o Carlin e pedimos para ele “bolar” uma letra bem legal, pois ele sabia umas letras do Rio de Janeiro, isso por volta de 1989. (...) Foi o Carlin que “bolou” o Pango pra mim, o Rape não dava muita bola pra gente não, com aquele jeitão de quando ele ‘metia nome’, o cara era “considerado”, era como um Deus, todo mundo queria ver e conhecer. (2011, p.28)

Afora essas pixações, existiram também as pichações políticas nos muros de universidades públicas nos anos de ditadura em Fortaleza. Essa diferenciação ortográfica utilizada nesta pesquisa refere-se ao fato de que a pichação com “ch” é a pichação tradicional histórica, encontrada nas literaturas e dicionários. Trata-se de um movimento de pichação pertencente aos anos de governos totalitários em diferentes países. Os sujeitos dessas pichações eram outros atores sociais e possuíam outros propósitos.

Advindos, em sua maioria, da classe média, eram estudantes, professores universitários e sindicalistas influenciados nos estopins dos movimentos sociais e políticos dos anos de ditadura gritando e transcrevendo em muros suas indignações políticas. “É certo que, pelo menos antes do AI-5, as mobilizações contra a ditadura foram sucessivas e tiveram como grande marco, os movimentos de 68: como a passeata dos 100 mil, por exemplo.” (VASCONCELOS, 1993, p.88)

Segundo Vasconcelos, o governo brasileiro dos anos 50 e final dos anos 60 preconizava um regime totalitarista que anulava dos cidadãos seus direitos civis. A sociedade se mobilizava em manifestações públicas no intuito de reforçar a consciência política com denúncias e aclamar a sociedade para a luta a favor da democracia. Porém os anos mais tenebrosos estavam por vir, tendo como marco inicial o ato institucional nº5, no ano de 1968, a partir desse período os conflitos tornaram-se frágeis e dispersos, muitos indivíduos passaram de manifestantes à presos políticos.

De acordo com a pesquisa de Vasconcelos (1993, p.101-102) os processos de acusações do regime militar em sua maioria (70%) referiam-se à militantes de organizações partidárias clandestinas, seguido de participações violentas (20%), identificação ideológica com o governo deposto (7%), manifestação de idéias por meios

legais (2,1%) e manifestação de idéias por meio artístico (0,3%). A pichação política era instrumento de insurreição e publicização das idéias democráticas.

Diferentemente, a pixação com “x” é a forma como os jovens nativos (interlocutores deste trabalho) escrevem e descrevem suas práticas urbanas. “A pixação é a arte que nunca vai ser domesticada, ela é a arte de rua, ela vem dos princípios de quebrar as regras, ela não veio pra agradar, ela não é pra agradar a sociedade, entendeu?” (Cripta Djan). O piXador¹⁸ é o sujeito que não possui limites, que sente a pixação como algo que se apodera do seu corpo e cabeça, a pixação para ele é a ação viciosa que palpita no seu sangue, é algo necessário, é visceral.

Além dessa carga semântica de “contra” e de “proibido”, o X assume outros concentrados de sentido: escrevendo x-s, por exemplo, um público avisado compreende que se encontra diante de algo excessivo (ex-cess). E a publicidade de um perfume utilizou só essas consoantes ambíguas atmosferas perfumadas. Em suma, o X, pouco a pouco, tornou-se uma espécie de ideograma que, em virtude da fonética inglesa (X = ecs), acabou por incorporar o timbre sonoro do irregular. A medida “extra extra large” como incapaz de conter, a música hardcore como impossível de ouvir, as imagens-grafite como insuportáveis, o pornô XXX como invisível. Muitas formas da comunicação juvenil de oposição assumem o X como código (lema) que explode os limites e fica contra os limites. E nisso se encontram – e não pela primeira vez – próximos, demasiado próximos, aos léxicos dos publicitários, seriais, websites. E o jogo lingüístico se torna duro. Aliás, X-treme. (CANEVACCI, 2005, p.44)

A pixação é uma cultura eXtrema no conceito eXtremo que discute Canevacci,

“ela é excessiva, surge mesmo para incomodar, como fala Cripta Djan. É interminável, não cessa, é um círculo viciante, é ação que ressoa, ecoa. Ela comunica através do xarpi, ela descomunica quando desordena placas de trânsito, ela se extrapola na paisagem urbana. Ela quer estar na cidade, se impregnar, explodir os limites, ficar contra os limites. A pixação é intensidade, é interminável, é ilegalidade, é intromissão, é incômodo. Ela é o tiro de guerra do pixador, ela é para impactar, é para errar, é para questionar, é para afirmar, é para desconfiar, é para ficar no corpo da cidade, é para eternizar”¹⁹.

Os movimentos de pós-ditadura possivelmente influenciaram essa geração de jovens no final dos anos 80. Quando se denominam *rebeldes*, na perspectiva imaginária destes jovens, estão adquirindo um caráter agressor contra a classe burguesa da época.

¹⁸: enfatizado aqui pela grafia do “X” maiúsculo, fazendo referência aos estudos de (CANEVACCI, 2005), as culturas eXtremas são ações intermináveis que suscitam outros sujeitos, elas não são passíveis de compreensão, não se movimentam na lógica, não se determinam por conceitos fechados.

¹⁹: com a licença do leitor de me utilizar da liberdade poética, de uma “chuva de idéias” na tentativa de transpor para o papel de uma só vez os significados da piXação.

A cultura musical vigente em suas letras de “rap” ou “rock” também eram motivações para que a juventude expressasse suas idéias de rebeldia.

O fato é que esta pixação a qual estamos pesquisando por ora nos parece mais uma manifestação social de um grupo de jovens determinados a deixar marcas nesse território de impessoalidade que é a cidade, do que explicitamente uma manifestação política contra uma ordem social vigente. Essa semelhança é compartilhada com a pesquisa sobre *graffiti* nos anos 80 em Lisboa feita por Machado Pais, como o autor nos relata abaixo:

Os dados recolhidos são contraditórios, não só entre diferentes *writers*, como também em diferentes momentos do discurso de um único jovem. Por um lado, é rejeitado qualquer uso do *graffiti* com fins políticos, evocando que, desde a sua origem, o elemento central de qualquer pintura, muito ou pouco elaborada, é o nome artístico do autor, o seu *tag*. (PAIS, 2000, p.202)

Em depoimentos colhidos entre pixadores que se denominam pertencentes a “década de ouro do xarpi cearense”, décadas de 80 e 90, encontro com frequência o uso do termo *rebelde*²⁰ denominando as participações juvenis, e uso do termo *burguesia*²¹ marcando uma diferenciação entre as classes.

Porque os políticos só pensavam no burguês e esquecia da população, das favelas. E a gente se revoltava, se reunia, trocava as idéias. Tá certo que não justifica pixar a casa dos outros, muro, portão, prédio; mas era um modo de dizer que não era pra fazer as coisas que eles determinavam fazer, era uma rebeldia. Prioridade total eram os muros públicos pra demonstrar pro governo que a gente não devia fazer aquilo que eles determinava. Eles tinham que mudar né? Tinham que olhar pro pobre e olhar pro rico. (Pango S.A. “Sujando e Anarquizando”, 37 anos, começou na pichação em 1989).

A justificativa expressa em palavras não é a mesma que verificamos nos muros. Seus riscos simbolizam a inscrição pessoal de um codinome, diferente das pichações de protesto nos anos de ditadura. Não se trata aqui de discutir qual pichação ou pixação é mais politizada ou tem maior relevância para uma sociologia urbana. Apenas verificamos uma diferenciação marcante entre essas duas práticas em períodos diferenciados.

²⁰ : Rebelde, segundo os pixadores, no sentido de perceber no jogo da vida social que existem classes abastardas de dinheiro e poder que determinam ordens a serem seguidas na sociedade, fazendo com que assim exista uma desigualdade social pautada na dicotomia entre rico e pobre, forte e fraco, líder e subordinado, como exemplos.

²¹ : parafrazeando (FREITAS, 2003, p. 40) no imaginário dos jovens desta pesquisa a burguesia é a classe social que possui dinheiro, privilégios em instituições, moram em bairros chiques, que são donos da cidade e que não enfrentam as dificuldades que eles e suas famílias enfrentam.

Cabe frisar que a grafia da pixação com “x” é utilizada por pixadores para também sublinhar que o pixador é aquele que carrega a pixação como um vício. Ela parece um estado de potência pulsante em suas veias. Constituí-se em seus discursos de algo embrenhado no ser do sujeito pixador, fazendo com que ele não consiga se desvincular dessa prática.

Para estes, o pixador de verdade é o que está nas ruas se expondo e se arriscando com ousadia na tentativa de preservar um *status*, como expressa o relato seguinte: “Cada "pixador"! Não “pichador”! Sabe do valor da parada! Caras que gastaram milhares com tinta e tempo e que estão há ANOS fazendo! Só eles sabem do valor da parada!” (Depoimento anônimo presente no blog Repique²²)

A pixação em São Paulo (grafada aqui com “x” para diferenciá-la, como fazem seus praticantes, da pichação política também presente na cidade) é uma manifestação visual que traz, embutida nas práticas e imagens criadas sobre muros e edifícios, uma visão de mundo que não cabe nos acordos que regem e limitam a vida urbana. Texto proveniente do cartaz da 29ª Bienal de Arte de São Paulo, 2010. Disponível em <http://www.flickr.com/photos/choquephotos/6286917861/in/set-72157625969699332/> Acesso em 05/05/12 às 18hs.

Semelhantes no critério de ousadia, porém diferentes nas marcas deixadas na cidade. O pixador com “x” está interessado em sair do anonimato, aparecer nos muros, publicizar marcas ocultadas nos espaços “invisíveis” das periferias e com isso pertencer a *galera*, ser *considerado*.

Da ousadia faz também parte uma espécie de gozo <adrenalínico>, que é proporcionado pela sensação de perigo vivida por aqueles que, conscientemente, ultrapassam o que é admitido pelas autoridades, habilitadas a sancionar o acto de pintar qualquer superfície alheia. (PAIS, 2000, p.180)

Estas práticas revelam um forte investimento na afirmação pública de uma cultura em que, ao risco de prejuízo de uma eventual detenção, se opõem os lucros da visibilidade de uma cultura, face ao impacto visual de quem a produz, e também face ao elevado número de indivíduos exteriores a essa mesma cultura, que podem observar e avaliar cada pintura realizada. (PAIS, 2000, p.181)

A busca pela *consideração* ou afirmação pública como expressa Pais é norteadora das ações do pixadores, mesmo que para isso tenha que enfrentar prejuízos com os inúmeros inimigos reais: a polícia, o dono da residência, o carro que passa e o persegue; e os inimigos abstratos, como o próprio medo, a altura e o tempo de ação.

²²: Disponível em: <http://repique.blog.terra.com.br/2008/10/27/fotografo-conta-detalhes-da-pichacao-na-bienal/> Acesso em 05/05/12 às 18hs.



IMAGEM 04: Pixação em altura no Rio de Janeiro.

FONTE: Arquivo presente no blog do pixador Nuno, disponível em www.nunodv.blogspot.com.br. Acesso em 06/05/12 às 20hs.

Muitos pixadores declaram que o que os faz correr os riscos são as sensações de adrenalina, muitos declaram que a prática se tornou um vício, tornando a pixação o item motivacional em seus cotidianos.

E queria pichar²³, como os pichadores ‘considerados’, não só no entorno do bairro onde morava, tinha que conhecer mais códigos e regras, andar nos locais de encontro dos pichadores, me socializar, arriscar, enfrentar, me tornar realmente um pichador ‘destacado’, conhecido e conhecedor desse universo dos grupos organizados de pichadores fortalezenses. Se quisesse permanecer na gangue, tinha a tarefa de pichar muito e em diversas regiões da cidade, teria que fazer uma revolução em minha vida para poder sair nas madrugadas para pichar, dizia, muitas vezes para meus pais que iria dormir na casa de amigos da escola e na realidade freqüentava baladas e bailes funk na cidade, muitas vezes dormia o começo da noite em cima de marquises de paradas de ônibus ou em prédios abandonados da cidade no intuito de ‘nos horários’ sair andando por ruas e avenidas pichando, ou melhor ‘detonando’ meu charpi e o nome de minha gangue. (SANTIAGO, 2011, p.29)

Os depoimentos coletados nesta pesquisa atestam para dois momentos da história da pixação em Fortaleza. De um lado há o discurso dos mais velhos que viveram as décadas de 80 e 90 do xarpi, noutro os jovens pertencentes às décadas de 2000 e 2010 (até o atual ano).

²³: Santiago (2011) utiliza os termos pichação, pichar, pichadores, charpi com grafia do “CH”.

A primeira diferenciação que podemos exprimir é a ausência dos atuais jovens em refletir sobre o ato de pixar. Eles não utilizam o termo rebelde, nem falam de burguesia ou outras classes sociais. O pouco discurso político que encontramos nos depoimentos dos primeiros a compor a cultura da pixação, não é identificado nos discursos dos mais jovens e participantes das gerações 2000 e 2010 do xarpi. Estes não justificam suas atuações como uma prática contra uma ordem vigente, não está claro em seus discursos que o ato de pixar é um poder marginal potencializado objetivado a fragilizar instituições e o poderio de um Estado.

Na contramão de um discurso crítico, suas palavras traduzem a prática da pixação como forma prioritária de adquirir prestígio e poder nas *galeras* do movimento da pixação. Parte da entrevista abaixo representa os motivos do pixador Scorpion S.R. (Suicidas de Rua):

O que você quer ganhar sendo pixador?

Amigos e ser conhecido sabe, ter o respeito dos outro manos da outra galeras.

Existe outro jeito de ganhar fama além da pixação?

Tem, mais eu só faço isso porque pixar é muito irado, o coração batendo acelerado, adrenalina a mil.

Em semelhante ponto de vista Snow T.B. (Terrorista dos Bairros) deixa claro seus propósitos com a pixação:

Gastar dinheiro, talvez ser linchado pela polícia, se arriscar num prédio... tudo isso pode acontecer por causa da pixação. Pixar vale a pena? Porquê?

Adrenalina, prazer e gostinho de ter seu nome lá em cima onde ninguém pegou, o gosto que você tem quando você vai lá e supera um cara de uma galera rival é inexplicável, a adrenalina de subir em um galpão por um poste é inexplicável. Só que pixa sabe como é, tenho amigos que já pararam mais que quando perguntados porque pixavam, eles falam: "porque gostávamos".

Afora seus significados, o fato é que a pixação é uma cultura juvenil fortemente presente na paisagem urbana das cidades brasileiras, e seu crescimento é constante. Em Fortaleza, a pixação que surgia na metade dos anos 80 rapidamente desencadeou para a década de 90 uma quantidade significativa de pixadores e de *siglas*, cuja precisão em números não se pode afirmar.

Em entrevista feita por Fuga R.M. ao ex-pixador²⁴ Cancão R.P.M. este ao final lê um texto de sua autoria que figuram numa tentativa de nomear todas as *siglas*

existentes na década de 80 e 90, mas desculpa-se antecipadamente por esta parecer ser uma tarefa difícil, haja visto as inúmeras existentes.

Cheguei a conhecer e ouvir falar de várias pessoas que fizeram parte daquela história, alguns já morreram, mas nunca serão esquecidos, a maioria vive. Aqui vai uma relação de pessoas que fizeram uma história de muita amizade e adrenalina, em primeiro lugar eu mando lembranças aqueles que fizeram parte da RPM, FX, DN, DE, GU, FG, GE, RM, TAN, RDP, PCM, GDR, AN, EDT, PM, PDM, FDP, RDM, ER. Cancão R.P.M. “Rebeldes Protestantes da Madrugada” Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=pokRBK086DE&feature=relmfu>>, visualizada em 30/04/12 às 18hs.

Nas palavras de Cancão podemos enumerar pelo menos dezenove *siglas* existentes na “décadas de ouro do xarpi cearense”. Tomemos a proporção quantitativa da cultura da pixação: se cada sigla reúne dezenas de pixadores, se a quantidade de *siglas* nas primeiras décadas de seu surgimento possuía, na contagem de um só relato, 19 siglas, imaginamos, assim, as centenas de jovens em ação pela cidade. Quiçá esse cálculo na atualidade dos anos 2012 porque nessa trajetória de quase trinta anos a pixação ganhou muitas *siglas* e adeptos à pixação.

A cultura da pixação está em constante rotatividade, os pixadores da década de 80 e 90 vão parando a atividade de *meter nome* por uma justificativa biológica de sair da fase de juventude e entrar na fase adulta, com mudança de responsabilidade, e de consciência, as atribuições com à família e com o emprego são questões que se tornaram mais importantes. O ciclo da pixação assim vai se renovando, pelo fato de que vão surgindo novos pixadores que assumem as *galeras* criadas naquela época ou que criam sua própria *galera*.

Mas além do aumento do efetivo de membros da pixação, essa cultura adquiriu novos símbolos, bem como novos conceitos, que serão exemplificados no capítulo “As convenções do xarpi”.

²⁴: não foi identificado na pesquisa a utilização do termo ex-pixador. Aqui a estamos utilizando de modo a deixar mais claro para o leitor que o depoimento trata de um pixador antigo, pertencente a década de 80 ou 90 que não está mais na ativa.



IMAGEM 05: Pixadores simbolizam as iniciais da sigla V.S. com as mãos. (Vagabundo Safado). Fortaleza – CE.

FONTE: Orkut.

Pixação para os antigos pixadores é algo memorável a qual eles falam com nostalgia e orgulho nos encontros promovidos entre eles. Esses encontros (diferentes das reuniões dos atuais pixadores) têm o caráter particular, sua participação é restrita aos membros daquelas décadas e suas famílias. Nos moldes de um encontro familiar eles alugam um espaço e se confraternizam com churrasco e bebida, havendo o momento memorável de pixar mais uma vez (um espaço pré-acordado para isso com direito a novos registros). Nesses encontros relatam suas memórias, por vezes, pelo intermédio de suas *agendas* ou fotografias. Relembra *picos*, *rolês*, *furos*, *rodadas*, festas, namoros, e assuntos atuais como suas profissões e famílias.

Minha profissão hoje é cartazista em supermercado e eu adquiri a profissão por intermédio da pichação, o dom, o talento da letra. Fazer placa, fazer letreiro, tanto em placa como em parede. A sociedade muitas vezes recrimina porque ela não entende o significado da pichação. Mas a maioria que eu conheço da minha época tem uma profissão por intermédio da pichação, tem outros que tem serigrafia, ateliê de grafite, outros que tatuam. (Seco G.D.R. “Garotos de Rua”, 32 anos, geração 90)

As siglas da época dos anos 80's e 90's tinham como influência de título a cultura em voga naquele período. As bandas de rock nacional como RPM, Legião Urbana, Ultraje a Rigor traziam como vocabulário para esses jovens palavras de contravenção utilizadas nos nomes das gangues dos pixadores. As palavras *noite* e a *rebeldia* e seus sinônimos eram comumente expressos nos títulos das *siglas*, como exemplo temos: R.P.M. (Rebeldes Protestantes da Madrugada), G.U. (Geração Urbana), E.D.T. (Espírito das Trevas), F.X. (Feras do Xarpi), G.D.R. (Garotos de Rua), E.R. (Esquadrão Rebelde), F.G. (Feras do Grafite), D.R. (Domínio das Ruas), G.P. (Garotos Podres), R.M. (Rebeldes da Madrugada).

Segundo Diógenes (1998), a pixação tornou-se uma atividade perigosa aparecendo uma segunda geração que já se nomeavam como psicopata algo mais, parasita do medo, tendência suicida, dentre outros, e estes eram alvos de repressões violentas da polícia.

As *siglas* surgidas nos anos 2000 e 2010 apresentam palavras de um glossário cujo conteúdo inclina-se para uma simbologia da violência. Atestasse a presença de termos semânticos pertencentes a um teor de fúria, podemos examinar essa idéia nos seguintes exemplos: V.S. (Vagabundo Safado), L.D.P. (Loucos, Delinquentes, Psicopatas), A.C. (Arte Condenada), M.C. (Mente Criminal), T.D.B. (Terroristas dos Bairros), P.C.X. (Primeiro Comando do Xarpi), V.L. (Vida Bandida). Os pixadores ao criarem uma *sigla*, utilizam-se da estratégia de batizá-las com palavras que denotem força, fúria, transgressão e outros conceitos, dessa forma estão sendo identificados pelo poder semântico das palavras. Essa demonstração de poder por vezes está duplamente explicitada no uso de imagens de dinheiro, armas e drogas formando as letras da sigla de um grupo (vide Imagens 20 e 21 na página 55). Esse assunto será examinado com maior atenção no capítulo “A imagem como representação do pixador”.

3. AS CONVENÇÕES DO XARPI

O xarpi, na linguagem da pixação, significa o codinome ou apelido do pixador, é a marca identitária que o jovem escolheu e que provavelmente através dela ele está construindo sua valoração entre seus semelhantes.

A primeira prática criativa adotada na pixação é a escolha do apelido. Escolhido o codinome, o jovem vai buscar produzir a estética que melhor lhe apraz na grafia da sua identidade no mundo da pixação. O depoimento abaixo revela a iniciação de jovem no movimento da pixação:

Levado nos revelou algumas regras e códigos, entre elas, a de que tínhamos que criar um codinome, um apelido, um charpi, teríamos que criar um alfabeto com uma letra estilizada, exclusiva, nem o codinome nem as letras poderiam ser semelhantes com outras que já existiam. (...) Foi quando me ocorreu um codinome que segundo Levado não existia: Mutreta. Iria pichar com esse codinome, nascia então o Mutreta. Nascia o outro que estava em mim e queria sair, ser nômade, errante, aventureiro, numa vida múltipla, vivida em um mesmo corpo. (SANTIAGO, 2011, p.26)

É importante adotar um estilo para ficar condizente com o seu apelido, essa é a primeira preocupação do pixador ao adquirir sua marca, no entanto esta independente do nome ou do estilo que tenha só será uma boa marca se for incansavelmente divulgada.

A gente nunca muda o estilo que é pra poder ser conhecido pelo seu estilo, porque quando você fica mudando você nunca vai ser conhecido. Se cada canto que você meter o seu nome você ficar mudando o estilo, as pessoas não vão conseguir identificar a sua pixação. Ela tem que ter um padrão só, o que acontece é que quanto mais você pixa, mais você vai aperfeiçoando a sua letra. (Seco G.D.R. "Garotos de Rua")

As pixações na cidade de Fortaleza podem ser divididas em três tipos estéticos os quais o pixador deve adotar somente um como sua marca identitária, pois como afirmou Seco GDR, deve-se adotar um único estilo de pixação para que a comunidade de pixadores reconheça o sujeito da ação. Os três tipos mais comuns de pixação são:

- Xarpi: é o codinome do pixador criado numa estética própria com letras estilizadas e sobrepostas, a estética da marca depende da imaginação do pixador. Um sujeito fora do fenômeno da pixação não distingue as letras, muito menos executa a leitura do apelido;
- Boneco: ou Desenho. A assinatura não se traduz numa palavra, mas num desenho simples executado somente por linhas;
- Letreiro: ou Nome. É legível, conseguimos identificar as letras e é possível a

leitura do apelido.

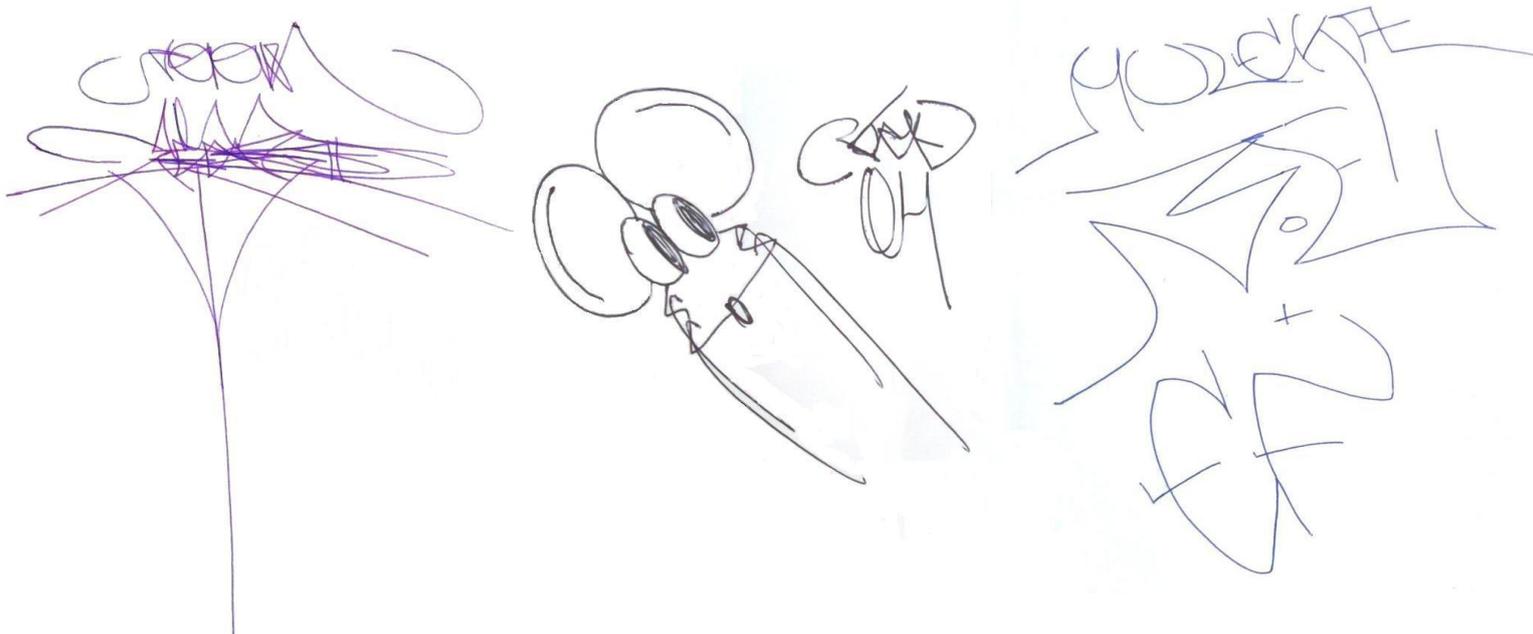


IMAGEM 06, 07, 08: Arquivo pessoal. Três exemplos de pichação, respectivamente, xarpi (Seco GDR “Garotos de Rua”), boneco (Rato PCX + OH “Primeiro Comando do Xarpi”, “Os Humildes”) e letreiro (Muleka 3E + EF “Envolvidos na Erva Efeituosa”, “Eternamente Feras”).

FONTE: Arquivo pessoal.

O que importa (no xarpi) não é o formato, se ele vai juntar as letras demais, ou se a letra vai ser fácil de ler, o que importa é ele (pixador) divulgar o nome dele em todo canto, isso vai fazer ele ser conhecido e respeitado. (Seco G.D.R. “Garotos de Rua”)

A palavra xarpi se sobressai diante das outras, pois é uma derivação da palavra pixação, pixar; a inversão das sílabas era utilizada como código para despistar a polícia e a sociedade quando se falava dessa atividade ilegal. Assim como “cialipo” significava policial, “jousu” significava sujou, eram criadas palavras com sílabas invertidas e gírias que viabilizassem uma comunicação segura entre eles.

A pichação em sua forma mais simples é caracterizada pela presença do xarpi e da sigla. A sigla são letras abreviadas, que simbolizam a qual gangue, galera ou família o pixador pertence. Pertencer a uma sigla *considerada* proporciona aos seus integrantes um *status* coletivo, ou seja, o histórico daquela sigla na cultura da pichação a conveciona na moralidade coletiva presente no imaginário desses jovens. Numa organicidade coletiva esses jovens pertencentes a uma mesma galera possuem a mesma função de

divulgar sua sigla numa força de estímulo coletivo.

Porém essa aparente fidelidade à sigla se desconstrói quando eles permutam para uma outra sigla de maior visibilidade, demonstrando para nós que a atividade da pixação é coletiva, no entanto há o predomínio de interesses individuais, pois a mudança de sigla é uma estratégia na busca da *consideração*. Assim, damos conta da existência de uma mobilidade de pixadores dentro das siglas, ora eles são convidados para “tacar” outra sigla, e trocam-na se a nova proposta lhes proverá mais *ibope*, sendo a sigla de convite mais *considerada* que a atual.

A pixação em moldes mais complexos pode apresentar além do xarpi e da sigla, uma *subsigla*, um oferecimento, uma dedicatória, frases competitivas, xingamentos ou frases que expressem rixa com outro pixador e vários símbolos com significados específicos que serão analisados afrente.

A *subsigla* assemelhasse com a sigla, pois na maioria das vezes apresenta-se também de forma abreviada. Ela significa uma mensagem, servindo para dar ênfase a um lema que desempenha de guia ou de motivação ao pixador. Por vezes são caracterizadas na repetição de uma letra, como uma rima na tríade de palavras com a mesma consoante. Alguns exemplos como: 3C “Caminhando com Cristo”; 3S “Só o Senhor Salva”; HG “Humildes Grafiteiros”; 3T “Tinta Todo Tempo”; 3F “Envolvidos na Erva Efeituosa”; OH “Os Humildes”; entre tantas outras *subsiglas* que surgem, por vezes, na espontaneidade do momento de pixar.

O xarpi é máxima representação do pixador, através desse símbolo gráfico o pixador é identificado. A inscrição representa e traduz o sujeito cujo símbolo atesta uma presença que permanece para além da duração da tinta no muro, permanece nas memórias dos integrantes. Acontece que há uma fusão entre imaginário e o real, como aponta Armando Silva: “o imaginário afeta os modos de simbolizar o que conhecemos como realidade, e essa atividade adere a todas as instâncias da nossa vida social” (2001, p.47).

É comum entre os companheiros de pixadores que já faleceram riscar o xarpi daquele pixador, reproduzindo a mesma estética de outrora, transfigurando o desejo de reascender aquela memória, de ver novamente viva aquele spray como a alusão da energia daquele que se foi, é a forma que os pixadores no seu imaginário simbólico *imortalizam* um companheiro. Essa dedicatória aparece no muro através de frases como “o eterno”, “na memória” e na simbologia da cruz invertida.



IMAGEM 09: Homenagem a um pixador. Fortaleza-CE

FONTE: Arquivo pessoal do pixador Seco G.D.R. disponível na rede social Orkut.

No movimento da pixação o xarpi deve ter a potência visual significativa para representar o pixador. Convencionou-se que o risco no muro é produção de alguém que transitou por ali, este deixou um rastro de sua passagem, e tantas vezes mais feito isso, mais a marca traduzia-se na figura de certo alguém. A passagem da abstração do risco no muro para a simbologia real do pixador, é uma coerente analogia amalgamada no imaginário urbano do jovem pertencente à teia comunicativa da pixação.

O xarpi é uma espécie de mercadoria construída pelo seu pixador que “possui um ‘corpo’ cheio de símbolos e sinais, é um fetiche”. Não é algo estático que permanece imóvel diante do sujeito que observa, mas que se transformou, por sua vez, em sujeito. (CANEVACCI, 2001) O xarpi configura-se em mercadoria, pois na sua construção simbólica ele adquire um valor cultural agregado a essa assinatura pela competição simbólica figurada nos muros da cidade. Os xarpis são colecionados em

agendas ou pastas podendo ser negociados em trocas ou vendas.

O fetiche de que nos fala Canevacci é o status agregado culturalmente ao objeto pela comunicação em sua comercialização. A mercadoria deixa de ser coisa para tornar-se sujeito pela agregação de códigos semióticos passa a ter “corpo e alma”(p.21). Analogicamente podemos falar que o xarpi desenvolve um processo cognitivo que o transforma de mero risco no muro, como abstração, para uma mudança significativa que penetra sua própria natureza simbólica. Os pixadores ao resignificarem o xarpi, conferem um fetichismo dentro da cultura da pixação. A assinatura é um signo de valorização simbólica que norteia as práticas cotidianas desses jovens, de coletar assinaturas nas reuniões, e na busca incansável de fazer seu xarpi se destacar nos muros, nas redes sociais e na memória dos companheiros.

Nas galeras de pixação o xarpi confere ao pixador uma nova identidade. Na sua teia comunicativa os assuntos giram em torno desse “eu-xarpi” na cultura da pixação. O pseudônimo assim confere uma outra biografia ao sujeito que se sobressai a identidade de batismo. Pode acontecer de os próprios companheiros de *roles* nas ruas não saibam informações pessoais dos companheiros, pois a importância se concentra aos assuntos dentro do xarpi.

A construção simbólica daquele corpo no sistema da pixação, faz com que as relações de troca e comunhão sejam embasadas pelas atividades na pixação e não nos momentos em que o pixador está caracterizado como sujeito comum. Eles comunicam suas andanças na cidade, seus ambientes preferidos para *tacar* suas marcas, suas *rodadas*²⁵ com os *gambés*²⁶ e tantas outras histórias que melhor dão sentido a quem pertence ao xarpi.

A imagem abaixo pertencente ao perfil virtual de um pixador interlocutor dessa pesquisa demonstra a relevância do xarpi sobreposta à imagem do pixador, não se contentando apenas em escrever os apelidos dos companheiros na legenda da foto, ele reproduziu o xarpi de todos e os sobrepôs na imagem original.

²⁵: significa ser descoberto pela polícia, ou por alguém na sociedade no momento da pixação. Ter o corpo violentado como repreensão.

²⁶: polícia.



IMAGEM 10: Os xarpis. Os rostos receberam uma tarja para preservar suas respectivas identidades.

FONTE: Arquivo pessoal do pixador Snow T.B. (Terroristas dos Bairros).

3.1 A sociabilidade entre os pixadores

A pixação possui uma série de regras internas e motivações que alimentam essa disputa pelos muros e pelos espaços de divulgação. Ela poderia ser ilustrada como uma moeda de suas duas faces, de um lado as regras ordenam à construção da sociabilidade entre esses jovens, porém, na outra face, essas mesmas regras são capazes de potencializar os conflitos.

Na pixação as relações sociais giram em torno do xarpi. Essa imagem simbólica nos muros atesta a existência de um ser social em comunicação com outros pixadores na cidade. O pixador produz uma marca no ambiente físico da cidade que o revela naquele espaço urbano, atestando sua existência, e elevando a auto-estima do sujeito. A marca é registro de uma presença que permite no tempo uma constante comunicação na cidade. Dessa forma, a pixação promove o início de um processo de sociabilidade juvenil, corporificado em dedicatórias, reuniões, pegar assinaturas, tirar fotografias e principalmente ocupar um lugar no *hall* da fama.

Isso me impressiona, a fama que eu tenho e de ser conhecido na cidade todinha, nesse tempo não tinha internet, hoje é mais fácil, mas naquele tempo pra pessoa se divulgar era ‘osso’, eu tive esse privilégio de ter sido divulgado antes da internet. Conheço muita gente, muita gente vem aqui me ver, para eu assinar agendas, gente de todo canto de Fortaleza, gente como o *Falcão* que eu tenho maior carinho. (Pango, entrevista em 14 de março de 2010) (SANTIAGO, 2011, p.30)

Os pixadores estão ligados por uma rede intensa de energia, de significação, de resignificação, de valoração na busca em comum por afirmação em seu pedaço, (MAGNANI, 2005). Eles movem-se na tentativa de sair do anonimato e pertencer também à cidade que, historicamente, ergueu enclaves de segregação.

Esse nomadismo juvenil na cidade, essa necessidade de alardear sua presença, de chocar, de atemorizar, põe em xeque os escudos dos corpos, deflagra as fragilidades dos limites do corpo *individual*. É nesse sentido que os afetos possibilitam uma ocupação extensiva dos corpos das galeras no espaço *homogêneo* das cidades. (DIÓGENES, 2011, p.224)

Nos discursos de quem viveu a pixação nas décadas de 80 e 90 fica clara a idéia dessa movimentação juvenil como uma união entre semelhantes de mesma faixa etária, que estão correndo riscos, mas que os ultrapassam pelo ato de pixar e usufruir do convívio social entre amigos. A pixação é também uma forma de se reunir para ir a festas, tomar caipirinha na pracinha da avenida Treze de Maio, namorar as meninas que se encantam pelos garotos do xarpi e outras experiências únicas vividas e nas oportunidades múltiplas em que se descortinam os momentos do “ser” jovem.

“(...) Abraço para a ‘Galera da Fome’ G.F., final da década de 80, aquela rapaziada que arrebatava no Iguatemi, na avenida 13 de maio, enfim, quero deixar um abraço aqui para toda rapaziada dos anos 80/90 aquela geração de ouro da pixação, foi onde tudo começou, onde a gente fazia muita amizade, onde a gente agarrava as melhores gatinhas e tal. E onde a gente se divertia, era como o rapaz acabou de falar ai, não tinha muito negócio de confusão, drogas, a gente tomava nossa caipirinha e sabia brincar, sabia se divertir, então é essa mensagem que eu deixo pra galera que sempre, realmente, preservem as amizades, e que usem a pixação pra aprender as coisas boas, que é o trabalho em equipe, o poder de superação e tudo mais. Que o sucesso que eu tenho hoje profissional e pessoal também eu aprendi na pixação”. (Crazy GF)²⁷

Georg Simmel (1983) ao discorrer sobre o conceito de sociabilidade fala que os homens unidos por um instinto comum criam interações que formam uma unidade, uma

²⁷: Depoimento que aparece no vídeo “Fuga RM & AMIGOS.mpg” Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=0EO-TfUFlgs>> Visualizado em: 05/05/12 às 13hs.

sociedade. Esses instintos ou interesses são motivadores de nos relacionarmos uns com os outros. “Em si mesmos, essas matérias com as quais a vida é preenchida, as motivações que a impulsionam, não são sociais.” (SIMMEL, 1983, p.166). Simmel está interessado em discutir a forma como esses encontros acontecem diferentemente do conteúdo, pois o conteúdo isolado não é social, mas na medida em que um sujeito associa-se a outro por meio de um conteúdo em comum, então foi gerada uma relação social. Socição é a forma de se associar, de interagir com sujeitos em semelhante interesse.

Aqui, “sociedade” propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade. (SIMMEL, 1983, p.168)

As relações de sociabilidade podem acontecer por meio da interação entre redes e grupos. Em algumas prevalece a sociabilidade dada por suas práticas, como um grupo de pessoas reunidas por um esporte, noutras o foco da socição é o contexto, pessoas com vínculos afetivos, como exemplo. Outras relações de sociabilidade prevalecem os símbolos, como os praticantes de uma crença, congregados por símbolos religiosos que transparecem suas ideologias. Por último há sociabilidades pautadas nos significados ou na objetivação de algo, é a forma costumeira de nos relacionarmos com variadas pessoas pela necessidade de alcance de um fim.

Na pixação ocorre duplamente uma sociabilidade, os jovens reunidos pela mesma prática de demarcação na cidade se socializam. E os diversos símbolos na cultura da pixação também acarretam uma sociabilidade explicitada nos muros.

O xarpi é um símbolo que não apenas significa o codinome do pixador, mas que sugere a sua presença, isso porque há uma significativa aproximação entre xarpi e o pixador. O xarpi no muro torna *imortal* a presença de um pixador, segundo as convenções imaginárias dos jovens incutidos nesta cultura. De acordo com Santiago (2011) nos encontros dos pixadores da geração 80 e 90, em um determinado momento eles riscam muros pré-permitidos numa ação de rememorar suas antigas práticas, vide imagem 11 abaixo. Bem como contam suas histórias e relembram companheiros que já

faleceram. Assim o expressa no muro ao pixar, como exemplo: “Slayer, o eterno”, um ato simbólico de dedicatória a um dos mais famosos e antigos pixadores de Fortaleza.



IMAGEM 11: “A lenda vive”. Pixador Seco GDR rememorando sua prática em um dos encontros da geração 80/90. Fortaleza – CE.

FONTE: Orkut

No imaginário coletivo dos pixadores a dedicatória é uma simbologia que imortaliza companheiros na memória de cada um e na história dessa cultura urbana em Fortaleza. O risco de spray nos murais da cidade é um ato efêmero que sofre a degradação de sua tinta ao longo dos anos ou de forma mais rápida com uma nova pintura. Porém o que os pixadores objetivam alcançar na dedicatória pós-morte é que aquele companheiro continue simbolicamente vivo pela sua trajetória que teve na cultura do xarpi.

Eles alimentam a história dessa prática de várias maneiras seja por dedicatórias, por fotografias de xarpis, da participação virtual em blogs e redes sociais que tratam da pixação, dos encontros quase que quizenais em reuniões, na prática de colher e dar

assinaturas, e nas triviais saídas nas ruas e avenidas para “tacar” seus xarpis e marcar os territórios da cidade.

Existe ainda a prática de registrar dedicatórias do xarpi para outros pixadores e para as meninas que, geralmente, não fazem parte da pixação, mas são admiradoras dos pixadores, são paqueras, namoradas, rolos e etc.

A dedicatória para outro pixador é o oferecimento “para:” simbolizado em sua forma abreviada. Às meninas a dedicatória do “para:” vem acompanhada do símbolo do coração.



IMAGEM 12: Dedicatória de TEFINHA V.S. para CURU, “de coração”. Av. Francisco Sá. Fortaleza-CE. (2012)

FONTE: Arquivo pessoal.

A interação entre os pixadores ocorre por meio da competição simbólica. Essa competição simbólica em torno do xarpi gera um *ranking* entre eles. Os melhores ganham o título de *considerado*, de *fera*, de sujeito que *se garante*. Em outras palavras estes se tornam os mais afamados perante os outros, ganham o poder de comando em

sua galera. Desse modo passam a ser identificados como um líder ou *cabeça*, e passam a utilizar uma simbologia que evoca sua posição de poder.

Os *considerados* são os pixadores com fama de serem os melhores perante um *ranking* classificatório de pixações. Ao se tornar *considerado* dentro da sua *sigla*, o pixador, por vezes, adota o número um (1) ou (2) sobrescrito ao seu xarpi.

Sask D.N.G. assina colocando o número 2 junto ao seu xarpi. Segundo ele, em cada *sigla* há sempre o primeiro e o segundo, que são respectivamente os fundadores e os mais considerados. Essa simbologia hierárquica é confirmada com outros pixadores, mas sofrem algumas modificações, Snow T.B., por exemplo, narra que existem três conceitos de líderes. “Existem os líderes de cada *sigla* e sempre são divididos em três casos: primeiro os que têm mais nome na cidade, segundo os fundadores da *sigla* e em terceiro os por consideração.” (Snow T.B.)

Conquistar prestígio entre os outros pixadores significa ter uma socialização em maior número, muitos vão lhe conhecer sem nunca ter estado presente com o famoso pixador, as notícias de fama circulam pelas conversas, pelas fotografias e vídeos circulantes nos meios da pixação. Ao ganhar o título de número 1 o pixador obtém privilégios nos grupos os quais faz parte, Santiago (2011) cita diversos privilégios alcançados pela fama, “as mais citadas são a facilidade de viabilizar namoros, amizades, convites para ‘sair na aba²⁸’, festas, viagens, entre outras oportunidades de vivências e experiências intensas pelos bairros fortalezenses”. (p.30)

O privilégio é que eu sou da favela e nunca imaginei ficar com “filha de papaizinho”, de ir para um apartamento abandonado e me dá de bem lá, cheirosa, só usava perfume da Natura, essa é uma vantagem na pichação, eu da favela, ganho spray das “gatas” pra botar uma dedicatória com o nome delas. Arrumei muita namorada! Hoje sou um cara casado, com responsabilidade, ela é a que me pedi mais para parar, me dá conselho. (Pango, entrevista em 20 de agosto de 2010) (SANTIAGO, 2011, p.31)

Todos almejam chegar ao topo desse *ranking*, é a competição que promove o estímulo para pixar, é o que os excita, essa valoração de poder motiva esses jovens a ir ao extremo perigo da experiência, excitação de um corpo capaz de arriscar a própria vida.

Pra ser famoso em Fortaleza tem que ralar muito, tem que levar bala, é pra levar

²⁸: gíria que significa sair na companhia de pessoas que patrocinam seu ingresso, bebida e etc.

pinote dos homi, vigia quebrando o cara (pixador) de pau, é sendo preso. Pra pegar fama em Fortaleza tem que passar por isso mesmo, tem pra onde correr não. (Pango S.A. “Sujando e Anarquizando”) Entrevista pessoal feita em 04/03/12.

A simbologia do pódio representa o lugar de destaque para os melhores. Essa plataforma geralmente de três níveis territorializa o local dos vencedores. Pódio é uma palavra que em sua semântica representa poder. Esse poder de conquista simbolizado em destaque ao número 1, ocorre também na cultura da pixação quando o pixador *considerado* representa seu desempenho nas ruas com a simbologia do número 1.



IMAGEM 13: Xarpi com a simbologia do nº 1. Av. Francisco Sá.

FONTE: Arquivo Pessoal.

Os xarpis conquistam reconhecimento de fama quando se classificam numa dessas três categorias de sucesso: maior número de xarpi espalhados na cidade, ou, xarpis feitos em alturas, como em prédios, ou, xarpi em muros permanentes, como muros de pedra ou chalpiscado.

Por exemplo, o Bafo da G.D.R. (Garotos de Rua) é o dos mais considerados, ele só pega nas alturas, é a maior sigla da cidade; o Doido V.S. (Vagabundo Safado), é o “dono” da av. Francisco Sá, o Barão W.S. (Wild Street) é o rei dos muros permanentes. (SASK D.N.G. “Detonando no Grafite”)

Cada pixador tem seu modo de atuar na cidade, sua preferência por muros ou prédios. A estratégia vai depender de cada um. O jogo aqui é de quem tem mais pixos, estes reunidos numa só categoria se tornam muitos, “a pixação tem disso, o pixador centraliza uma avenida específica pra se tornar conhecido” (Seco G.D.R.), essa é uma das muitas estratégias utilizadas.

Na rede social, *Orkut*, existem diversas comunidades sobre pixação, nessas os pixadores criam tópicos de discussão, enquetes, e apresentam fotografias. Na comunidade “Pixadores de Fortaleza Oficial” existe um tópico criado em 26/03/11 que perguntava: **Qual melhor visual pra colocar um xarpi?** Foram 122 votos até então, 27/03/12, que exibia o seguinte gráfico:

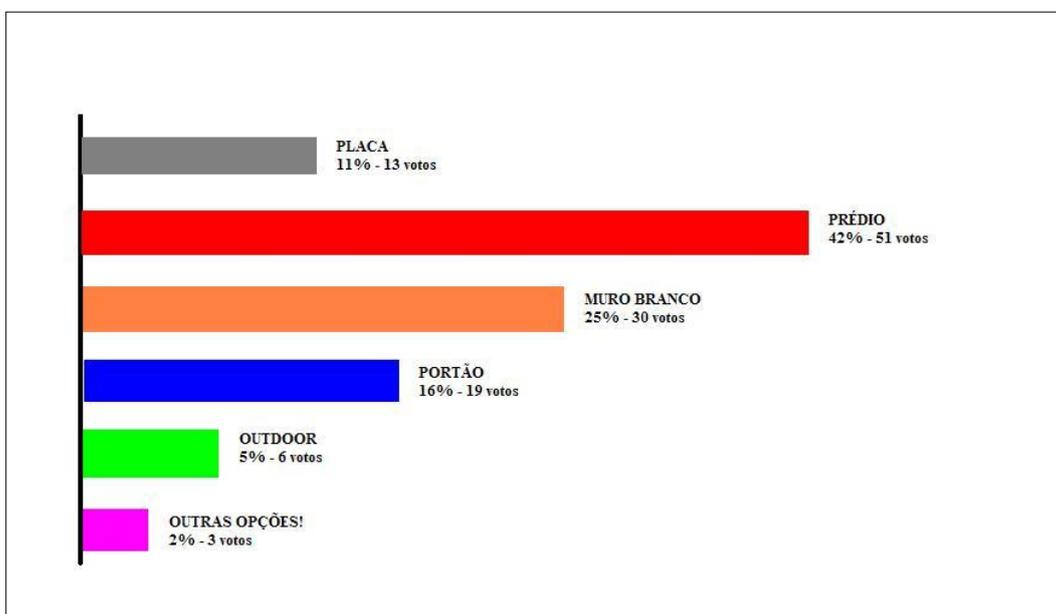


IMAGEM 14: Reprodução do Gráfico enquete “Qual melhor visual pra colocar um xarpi?”. (Consultado dia 27/03/12 às 16hs).

FONTE: Orkut, Comunidade “Pixadores de Fortaleza Oficial”.

A preferência da maioria dos pixadores (42%) é sinalizada nesse gráfico por pixações em prédios. O desafio da altura é o fator que mais motiva o pixador, os *picos* são os lugares dos *feras* na pixação, provocam adrenalina, sugerem maiores dificuldades. Esse desafio cobra dos pixadores características como esperteza e ousadia, é necessário se utilizar de artimanhas para conseguir alcançar aquela altura de destaque.

O xarpi expresso no alto na cidade, numa escala de vários metros acima do nível do chão, determina que os sujeitos deverão erguer suas cabeças para enxergar a pixação, na idéia de que o olhar de quem trafega pela cidade é um olhar inferior na medida em

que o xarpi lá no alto “olha” para esse mesmo sujeito, numa posição simbólica de superioridade.

Outro sujeito na pixação que também apresenta valoroso destaque é o líder ou *cabeça da sigla*. Este, geralmente, é um pixador veterano que criou a *sigla*, ou que a herdou, dando continuidade em sua divulgação.

A estes pixadores é conferido o poder de determinar quem entra ou sai da *sigla*, à promoção de reuniões, até mesmo de opinar em assuntos de rixa entre membros da pixação.

Essas sociabilidades estimulam os pixadores a *tacar* ou atacar (com permissão do trocadilho) a cidade em maior quantidade possível. Quanto mais se risca a cidade, mais se gera comunicação nas galeras de pixação, tornando maior a possibilidade de convites para mudar de *sigla* ou assinar em conjunto. A simbologia do + na pixação tem idéia de agregação tal qual a matemática, ela é bastante utilizada quando os pixadores saem juntos para riscar. Cada qual põe seu xarpi no muro lado a lado unidos pela simbologia do + entre estas inscrições.



IMAGEM 15: Esquadrão da Zona Rebelde + Liberdade Vigia. (2011) Av. Tereza Cristina. Fortaleza – CE.

FONTE: Arquivo Pessoal.

O grupo é unido, a liderança passa a ser de uma pessoa, quando todos entram numa concordância, que ele conduza a galera pelo fato dele conseguir entrar em outros bairros, aplicar em outros bairros, aí por intermédio dele, ele começa a levar os integrantes pra colocar lá. Às vezes ele coloca o número 1. O líder é pela fase, porque o líder passa um período, aí se ele parar de meter nome aquele que está se destacando passa a assumir a galera. (Seco G.D.R. “Garotos de Rua”)

Algumas coisas se tornam fixas e outras fluidas na pixação. É importante fixar a sua marca, preservar o seu codinome e a estética da assinatura. Dessa forma sua marca *impregna* e torna-se lembrada. Fluidas são suas andanças na metrópole, o conhecimento sobre a cidade torna-se maior a partir da descoberta de novos bairros, avenidas, prédios, marquises.

Essa fluidez de corpos itinerantes é marcada também na troca de *siglas*, que acontece quando o pixador passa a assinar uma nova galera, ampliando a visibilidade de seu xarpi, na objetivação de conquistar mais *ibope*²⁹. Essa troca não é costumeira, acontece geralmente uma vez ou duas. É mais viável socialmente que o pixador ao ser convidado para riscar uma nova *sigla* assine as duas em conjunto mais uma vez utilizando a simbologia de adição (+).

Os pixadores compartilham da idéia de crescimento da sua arte³⁰, eles compreendem que quanto maior em número forem melhor será para sua *sigla*. Prevalece mais uma vez a idéia de uma prática massiva que invade e ataca visualmente a cidade.

O balanço dos acontecimentos na cultura do xarpi é comentado cotidianamente nas redes sociais, nos programas de bate-papo e nas reuniões. As reuniões são outras formas de sociabilidade entre os pixadores que ocorrem, costumeiramente em praças públicas, podendo ser quinzenais ou mensais. Estas são facilitadas e combinadas através das redes sociais na internet. Nessas reuniões Boy L.D.P. relata que eles ficam discutindo sobre os pixos na cidade e usam um caderno ou agenda para pedir aos mais *considerados* que assinem no seu *hall* particular da fama.

Diante das dezenas de *siglas* que existem em Fortaleza, praticamente, acontece uma reunião de pixador a cada semana, o local escolhido para que aconteçam são as praças públicas de bairros onde a *sigla*, que está promovendo o encontro, se concentra. Acontece, geralmente, no final da tarde ou início da noite. As praças mesmo sendo locais públicos para um encontro de praticantes de uma atividade delituosa é o local de preferência pela facilidade e gratuidade. Além do que despistam a real intenção de estarem reunidos, pois se dali saem para pixar não o fazem naquele mesmo local de

²⁹: termo utilizado pelos pixadores para significar que algo promove fama.

³⁰: arte é uma palavra muito utilizada no discurso dos pixadores. Arte aqui não está no sentido literal de arte, mas na forma de nomear uma prática, como corriqueiramente outros interlocutores falam da arte de jogar futebol, por exemplo.

congregação. A sociedade assim os vê como um grupo qualquer de jovens se reunindo, conversando, bebendo.



IMAGEM 16: Convite virtual para reunião de pixadores.

FONTE: Orkut

Meu grupo DNG, ainda é pequeno tem mais ou menos umas 20 pessoas. No mesmo grupo pode conter pixadores de outros bairros, pois uma sigla não é específica de um bairro, quanto mais pessoas espalhadas melhor. Nas reuniões há mais a divulgação de notícias, as regras só se aprende no dia-a-dia. Nas reuniões existe também muita paquera, pois tem meninas na xarpi também, mas elas só escolhem os mais considerados, quem tem mais nome. Pra “jogar” na sigla, tem que pedir permissão. (Sask D.N.G. “Detonando no Grafite”).

Curiosamente as reuniões são livres para membros de outras *siglas*. Os pixadores encarregados da organização geralmente fazem um convite virtual convocando todas as *siglas* a participarem. A réu³¹ não trata de assuntos somente vinculados a uma *sigla*, ela não possui esse caráter de particular, de homogeneização.

Pictoricamente ela é um grande enxame de jovens em uma praça pública, que buscam individualmente seus objetivos; “a maioria é troca de experiência, falar dos *picos* que nós pegamos, assinar agendas, reencontrarem a galera, curtir um pouco, depois sair pra *riscar*”. (Snow T.B. “Terroristas dos Bairros”)

³¹: na fala nativa dos pixadores abrevia-se o termo reunião por réu.

3.2 O conflito entre os pixadores

A pixação nasce em meio a uma realidade cotidiana da vida de relações díspares entre sujeitos de uma mesma cidade, nação. Ela é fruto de uma desigualdade social de classes que, por conseguinte, associa-se a outras categorias da sociedade de uma forma conflituosa. Segundo Simmel (1983) o conflito como forma de sociação é algo comum existente nas relações entre indivíduos na sociedade. O conflito serve para regular as relações dentro da sociedade, a existência de oposição numa relação é positiva no sentido de que o contraste da oposição é motivo de sua existência.

Desmistificando um pouco o conflito, Simmel afirma que se dentro de um grupo não houvesse sentimentos de repulsa ou de oposição isso não resultaria num grupo com vida social mais rica e plena, mas seria um “fenômeno tão diferente e irrealizável quanto que se um grupo fosse privado de forças de cooperação, afeição, ajuda mútua e convergência de interesses”. (p.127)

A existência do conflito na pixação é o próprio cerne do aparecimento dessa forma transgressora de expressão urbana, pois a pixação tem como gênese o jogo da vida. A vida urbana social e sua dualidade, a riqueza e a pobreza; dualidade essa que promove a desigualdade social ou, se pudermos assim chamar, agente catalisador das lutas de classe, da violência, e da própria pixação. Como afirma Simmel, “a oposição é um elemento da própria relação; está intrinsecamente entrelaçada com outros motivos de existência da relação”. (1983, p.127).

O conflito social é um meio constante de integração visando à socialização dos sujeitos, ele é responsável por modificar grupos de interesses, uniões ou organizações. Ele é uma forma de sociação, pois é uma relação entre sujeitos, porém as suas causas seriam os fatores de dissociação, como: o ódio, a inveja, a necessidade, o desejo, enfim. Dessa forma o conflito teria como objetivo resolver essas “dualidades divergentes” (1983, p.122). Simmel caracteriza o conflito como algo positivo, que precede toda unidade social e que seria impossível de ser estabelecida de forma harmônica, pois a tensão gerada pelos contrastes é mantenedora de uma unidade.

Em se tratando de conflito dentro de um grupo social, Simmel afirma que o conflito trata-se de uma força integradora de um grupo. “Uma certa quantidade de discordância interna e controvérsia externa estão organicamente vinculadas aos próprios elementos que, em última instância, mantêm o grupo ligado; isso não pode ser separado

da unidade da estrutura sociológica.” (p.126)

Uma forma de conflito é a competição. Trata-se comumente de uma luta pacífica, no sentido que o objetivo da competição não é aniquilar o adversário, exterminá-lo de forma que não mais exista. “Aqui a luta consiste apenas no fato de que cada concorrente busca a meta por si mesmo, sem usar sua força contra o adversário.” (SIMMEL, 1983, p.136).

Na pixação verificamos a presença da competição. Os agentes sociais dessa cultura, os pixadores, buscam alcançar metas individuais como pixar uma determinada altura ou conseguir marcar um território de muro específico ou ter inúmeros xarpis em um mesmo bairro ou avenida. Cada indivíduo nessa teia juvenil busca investir em si próprio, doando-se em ações arriscadas para atingir o sucesso de seu xarpi.

Os principais motivos geradores de conflito entre os pixadores são o *atropelo* e a *superação*. Atropelar significa que o pixador não respeitou o limite entre uma pixação e outra, ou seja, o risco do spray de um xarpi passou em algum momento, o mínimo que seja por cima de outro xarpi que já estava antes no muro.

Na imagem abaixo percebemos que o xarpi de cor vermelha, dificulosamente, se inseriu no meio de outros xarpis, tendo o pixador a cautela de evitar o atropelo através da quebra das linhas. A quebra da linha contínua do spray é uma ação incomum na pixação, diríamos até que a imagem abaixo é uma raridade no exemplo.

Por algum motivo o pixador “penetra” quis se inserir no meio de outros dois pixadores, ou por motivo de afeição entre os que ali estavam ou por motivação de gerar um ruído numa comunicação territorializada naquele espaço de muro. Se confirmada a segunda opção diríamos que este pixador com atributos de esperteza utilizou da regra para gerar uma intromissão. Se este xarpi for de um intruso naquele meio, haverá certamente um incômodo, um conflito de espaço.



IMAGEM 17: Fachada do Camelódromo na av. Guilherme Rocha, Fort-CE. (2011)

FONTE: Arquivo pessoal.

Outro motivo de conflito entre os pixadores é a questão da *superação*. Superar significa que o pixador conseguiu *tacar* sua marca em um local acima de uma pixação que já se encontrava ali. A superação é comum em prédios, a medida da altura para os pixadores é uma referência de *status*, quando se pixa numa placa ou prédio mais alto do que outro pixo existente, então há uma superação comunicada através dos xarpis.

Os pixadores para evitarem terem seus xarpis superados ao se inscreverem em certos territórios os fazem no limite físico mais alto da parede. Quando já existe uma pixação no alto outros pixadores não invadem esse território porque não há mais a possibilidade de destaque, mesmo havendo espaço livre abaixo do xarpi outros este não será utilizado, porque segundo eles afirmam que assinar embaixo significa “se rebaixar”. Boy L.D.P. (Loucos, Delinquentes e Psicopatas) explica essas duas regras no fenômeno da pixação:

Se houver o atropelo é ameaça de morte na certa, quem atropelou tem mudar de lugar pra não morrer, e mesmo assim eles ainda vão atrás. Se colocar acima tá

procurando briga também. “Tacar” embaixo? Você vai “tá” se rebaixando, num é “considerado”. O pixador fica “considerado”, quando tem mais assinaturas espalhadas pela cidade. No meu caso, se tiver atropelo eu deixo pra lá. Acho que não vale a pena tirar ou perder a vida por causa de besteira. Quem vai mais atrás são só os mais considerados mesmo, mas porque os outros também dão corda³² pra ir atrás. Geralmente quando há o atropelo entre os membros da mesma sigla se desculpa. (Boy L.D.P.)

O xarpi acompanhado de frases comunica não somente para transmitir cordialidade nas dedicatórias e oferecimentos, como visto no capítulo sobre sociabilidade. As frases de pixação também exprimem rivalidades, disputas, ameaças. Esses desafetos saem do âmbito particular para o público, no sentido da expressão explícita no muro, Sask D.N.G. nos relata um caso de conflito por superação onde havia troca de ameaças entre sujeitos de duas gangues diferentes:

Atropelaram a assinatura do Samurai, e ainda colocaram no muro a mensagem “VEM COBRAR” o Samurai que era da P.C.X. (Primeiro Comando do Xarpi) foi lá e matou o cara; e voltou no muro pra colocar a mensagem: “TÁ COBRADO E.D.T.” (Espírito das Trevas).

A situação de conflito é algo comum entre os pixadores por tratar-se de uma competição entre todas as siglas por territórios na cidade. O *atropelo*, algumas vezes, acontece de forma não intencional tendo como solução um pedido de desculpas pessoal. O pixador por vezes também frisa sua desculpa através do muro com um pixo de uma frase, como exemplo “foi mal³³”.

Entretanto, há formas mais agressiva de expressar um conflito já existente com outro pixador, é quando algum deles risca um “X” no xarpi de outro. Relatado no depoimento abaixo:

Existe um pixador que é muito considerado, o Pacato N.P. (Nascidos para Pixar), ele sofreu um acidente de moto e parou de pixar no tempo em que ficou hospitalizado. Um membro de outra galera, Caran W.S. (Wild Street) começou a rasurar seus nomes passando um (X) em todos os nomes dele, pensando que ele tinha ficado doido. Mais ele tá voltando agora, e já ouve troca de tiros nas áreas das duas galeras (NP e WS). E futuramente o comentário que rola nas ruas é que o Caran W.S. está jurado de morte. (Snow T.B.)

³²: “dar corda” é uma gíria cearense que significa estimular alguém a fazer algo.

³³: “foi mal” é uma frase coloquial frequentemente utilizada no Ceará, é um pedido de desculpas informal.

Pode ocorrer de um conflito particular se tornar uma rivalidade maior contaminando as duas siglas dos pixadores em questão. Quando o acerto de contas se transfigura outros sujeitos da sigla podem ser envolvidos, algumas rixas provocam atitudes violentas de portar-se com arma e enfrentar o inimigo na forma única da execução. O relato abaixo narra uma rivalidade extrema que resultou em morte:

Um “cara” da LDP atropelou a pixação da LSD, aí eles foram atrás de brigas, quando chegaram já foi “metendo bala” em todo mundo. Nessa hora eu estava dentro de casa, se “tivesse” lá tinha sido baleado também. Noutro caso Osso atropelou o Xardy, ele era da mesma sigla do Six que pra se vingar matou o Osso, foi recente agora ano passado, 2009. É, mas agora o Six é crente, mas ainda pixa de vez em quando. (Boy L.D.P.)

O limite para conquistar uma amizade ou adquirir uma inimizade na pixação é sutil, vai depender da ousadia do pixador e da consciência para com a cultura do xarpi, pois mesmo sendo uma ação de contravenção a pixação possui regras que a normatizam. Esses atores sociais são desreguladores da ordem simbólica da cidade, reunidos pela missão comum de ganhar visibilidade em um cenário social que os exclui da vida urbana, contra isso eles estão armados de jet³⁴ e de regras que os congregam e os organizam tornando-os uma guerrilha urbana.

3.3 Violência e ilegalidade

A configuração da metrópole como espaços disciplinadores de convivência, com desigualdade de investimentos públicos para a vida social das classes, produz urbanisticamente diferenciações de espaços físicos e usos para estes. Há uma maioria da parcela de habitantes da cidade que se sentem discriminados e reclusos em espaços marginalizados dos centros de convivência e dos espaços de lazer na cidade.

Sendo assim a cidade configura espaços visíveis e invisíveis atuados por indivíduos visíveis composto pelas classes economicamente abastardas, e consequentemente indivíduos invisíveis de classe econômica pobre, desfavorecidos de direitos básicos como educação, saúde, trabalho e lazer. O jovem pixador pode ser entendido como sujeito invisível morador da periferia de estética desordenada em relação ao planejamento urbano, onde becos envezados, calçadas despadroneadas, terrenos

³⁴: “jet”, “tala”, “lata” são gírias da pixação que transmitem o mesmo significado que é a lata de spray, material mais disponibilizado para pizar.

baldios compõem seu entendimento social e espacial de um bairro.

“Pixador existe pela própria sociedade”. (Pivetta³⁵) *“Você vai na quebrada do cara não tem biblioteca, o ensino público é uma bosta, entendeu? Tem muito cara que começa a pixar na escola, porque a escola é tão fraca que o cara não consegue nem se apegar”*. (Cripta Djan³⁶) Alguns discursos de pixadores são dotados da reflexão sobre suas condições sociais em uma metrópole. Suas justificativas são baseadas na realidade da vida, suas dificuldades cotidianas, os problemas sociais existentes há várias gerações familiares. A família do pixador como a maioria das famílias pobres constituísse de uma ausência do pai, a mãe é que leva adiante a criação dos filhos e é geralmente fonte única de renda. A mãe é uma personalidade visível em letras de rap ou em pixos.



IMAGEM 18: “O mãe desculpa eu?”. Xarpi de Bafu G.D.R. (Garotos de rua). Fortaleza – CE.

FONTE: Orkut

³⁵: Caroline Pivetta da Mota, pixou a 28º Bienal de Artes de São Paulo em 2008, ficou presa por 53 dias. Depoimento presente no vídeo “Pichação busca reconhecimento e é discutida por acadêmico”. Disponível em : <http://www.youtube.com/watch?v=UzuCPnDFa4w> Acesso em 11/05/12 às 23hs.

³⁶: Depoimento presente no vídeo “Pichação busca reconhecimento e é discutida por acadêmico”. Disponível em : <http://www.youtube.com/watch?v=UzuCPnDFa4w> Acesso em 11/05/12 às 23hs.

O jovem observa seu ente mais próximo como uma figura sofrida pela sociedade que o esquece e o segrega aos espaços periféricos. Na ausência de perspectiva o jovem se “arma” de spray e sai em bando para caotizar a cidade “dos outros”, daqueles nascidos em classes ricas, os *playboys*³⁷ e os *burgueses*, como eles costumam identificá-los. Eles estão nas ruas para riscar a cidade da qual eles não pertencem, envolvidos numa guerrilha urbana entre a sociedade e eles, riscam muros, prédios, monumentos, instituições públicas, placas, marquises deixando suas marcas simbólicas nesses territórios. O xarpi na cidade desconstrói a ordem da metrópole, assim os espaços dos “burgueses” estão apropriados pelos pixadores. O pixador constrói o seu croqui³⁸, ou seja, o seu mapa imaginário urbano, rascunhado pela apropriação mental simbólica a partir de seus usos.

“A cidade criou nós, agora a cidade quer matar nós, e não rola³⁹”. A pixação é sentida como um instrumento de defesa na dinâmica da vida. Deste ponto de vista a vida é uma batalha travada cotidianamente entre relações de forças presentes no tecido social. Utilizando os estudos de Deleuze (1997) podemos assinalar que o pixador sai às ruas no intuito de potencializar seus desejos fabricados no jogo da vida urbana. A primeira tática de ação é como criar linhas de fuga nesse contexto de dominação, seguido de uma mobilização coletiva de indivíduos nômades capazes de atingir a barbárie urbana através da união de forças.

Eugène Sue, mundano e dândi, a quem os legitimistas censuravam por freqüentar a família de Orléans, dizia: “Eu não me reúno à família, reúno-me à malta”. As maltas, os bandos são grupos do tipo rizoma, por oposição ao tipo arborescente que se concentra em órgãos de poder. É por isso que os bandos em geral, mesmo de bandidagem, ou de mundanidade, são metamorfoses de uma máquina de guerra, que difere formalmente de qualquer aparelho de Estado, ou equivalente, o qual, ao contrário, estrutura as sociedades centralizadas. (DELEUZE, 1997, p.21)

Os bandos na pixação são as gangues ou famílias, reunidas por uma sigla que revelam junto a suas assinaturas o propósito de se opor as regras impostas pelo Estado.

³⁷: no imaginário dos jovens desta pesquisa playboy é o jovem rico que vive a demonstrar na cidade suas posses como carro, jóias, bebidas caras, dinheiro.

³⁸: Segundo Armando Silva (2001) a diferença entre mapa e croqui é que o mapa é um mapa cartográfico oficial e o croqui é um mapa imaginário particular a alguns sujeitos estudado pelo antropólogo urbano.

³⁹: Depoimento presente no vídeo “Pichação busca reconhecimento e é discutida por acadêmico”. Disponível em : <http://www.youtube.com/watch?v=UzuCPnDFa4w> Acesso em 11/05/12 às 23hs.

A estratégia dos bandos são os agenciamentos coletivos de sujeitos nômades, esses sujeitos trafegam pela cidade numa outra ordem, eles são contrários a um tecido nervurado onde as ações já estão pré-determinadas a acontecer. O tecido nervurado é a padronização da vida social urbana. O sujeito nômade pelo contrário, utiliza as linhas de fuga, as intensidades de desejo para atravessar os sentidos formais do pensamento.

Segundo Deleuze (1997), o rizoma, pode-se dizer, é um pensamento contrário a um Estado. Os bandos são rizomas, ou “corpo sem órgãos”, são amórficos na estratégia de não-linearidade, não-hierarquização. Os bandos reforçam a coesão social de um grupo de resistência.

Grafitheiros picham contra “burguesia”. Um dos garotos dessa tribo urbana afirma, com ar grave, que pichar é um ato de protesto “contra essa burguesia que quer tomar conta de Fortaleza”. “Nós é que estamos tomando a cidade”, avisa Mak-R.M., ou Mak da gang Rebeldes da Madrugada. (O Povo, 21 de setembro de 1990, p.10A).

Armando Silva (2001) fala que uma cidade tem a ver com a construção dos seus sentidos. Os espaços imaginários, dos desejos, das fantasias que se realizam na vida diária.

Uma cidade, pois, é uma soma de opções de espaços, desde o fídico, o abstrato e o figurativo até o imaginário. Então as atuações urbanas, nossa teatralidade diária, fazem com que vincule o indivíduo à cidade, à sua cidade, de maneira permanente e performativa. Desse modo a cidade está aberta para ser percorrida, e tais confrontações com a urbe vão gerando as múltiplas leituras dos seus cidadãos. (2001, p.78)

“Tomar a cidade antes que ela nos tome”, é a tática de guerrilha do pixador. A vida social urbana no imaginário desses grupos é capaz de anular individualidades, homogeneizar pensamentos, “matar o indivíduo”, como simbolicamente afirmou o pixador: “*A cidade criou nós, agora a cidade quer matar nós, e não rola*”.

A cidade provoca no pixador uma intensidade de experimentações, ele vive-a de uma forma particular, fora dos padrões ordenados e disciplinados de uma sociedade. Sujeitos em constante movimento, burlando regras e reinventando a cidade, em potência de metamorfose são próprias máquinas de guerra (DELEUZE, 1997). Eles reterritorializam seus enclaves de segregação urbano na cidade no geral, fazendo dela a sua própria lei, sob os moldes da pixação.

A máquina de guerra responde a outras regras, das quais não dizemos, por certo, que são melhores, porém que animam uma indisciplina fundamental do guerreiro, um questionamento da hierarquia, uma chantagem perpétua de abandono e traição, um sentido da honra muito suscetível, e que contraria, ainda uma vez, a formação do Estado. (DELEUZE, 1997, p.21)

O pixador agencia o seu desejo de se mostrar para o mundo e de conseguir uma classificação notória dentre seus iguais, como demonstra o relato a seguir:

Nossa motivação é ficar conhecido, é que nem os artista que dão autógrafos, a gente pinta nosso nome nos muros. Tem também a adrenalina, a emoção é boa, a sensação. Tem uns que já são “velhões” e continuam. Eu também acho que vou pixar a vida toda. (Sask D.N.G. “Detonando no Grafite”).

Os jovens pixadores querem destacar sua existência num meio social que os exclui, eles querem mostrar que são dotados de poder, e que tem como poucos a ferramenta da coragem que potencializa seu desejo de ação. Instigados também pelas sensações de adrenalina, o medo que sentem é viciante. Depois da tensão do momento de invadir um território e risca-lo, vem o gozo endorfinico e a marca gráfica no cenário urbano como prova do feito.

Não importa que a sociedade o recrimine, o pixador não se intimida com as ações violentas da polícia, nem com o risco de se pendurar em uma placa, marquise ou prédio, por vezes sustentado apenas pelo companheiro que lhe segura pelas pernas enquanto ele risca.

Ninguém se prepara pra ser preso, foi uma consequência, mas é aquilo, se você tá na chuva você vai pra se molhar. Se você vai roubar você sabe que pode ser preso, se você vai bater você sabe que você pode apanhar, se você vai pixar você sabe que você pode rodar. (Pivetta)

Medo & juventude, excitação (adrenalina) & juventude quase sempre aparecem de forma consorciada. (DIÓGENES, 2011, p.220). As falas dos pixadores transcrevem a excitação do momento, como se correr o risco, sentir o frio na barriga fizesse parte de viver. Adrenalina é a palavra mais utilizada por eles ao responder o porquê de se pixar, e no conjunto da fala transparece a teia de significações criada por eles, suas regras e formas de convivência que eles legitimam e interiorizam como código de conduta. A pichação é transgressora e ao mesmo tempo ordenada (como discutimos no capítulo “As convenções do xarpi”), afinal para os jovens de tudo vale a pena para sair do anonimato e tornar-se um *considerado* entre os demais.

Esses pichadores são conservadores em relação a muitas normas e práticas estabelecidas, que costumam ser respeitadas e repassadas por centenas de gangues que atuam na cidade de Fortaleza. Ao mesmo tempo também são adeptos de novas práticas, códigos, símbolos, traços, que constantemente são incorporados fazendo o movimento da pichação ser de intenso dinamismo. Conservadores, libertinos; moralistas, imorais; traços de pura contradição, marcas de errância. (SANTIAGO, 2011, p.58)

De acordo com Diógenes (1998), os jovens que aderem à prática da pixação consideram a cidade um lugar de escrita onde extrapolam suas idéias e expressam sentimentos de revolta. Para estes mesmos jovens, o inimigo reside nos espaços inacessíveis aos pobres da periferia. As gangues teriam o objetivo de se inscrever, se inserir de alguma forma na “cidade oficial”. Para as gangues, galeras a violência não é o fator fundamental de atuação das gangues e sim um instrumento que possibilita a visibilidade às suas ações.

A autora relata uma pesquisa onde foi observado que a principal motivação para a formação de gangues na cidade de Belém, por exemplo, era a pixação. E que aos poucos com a necessidade da compra de *sprays* inicia-se a atividades do roubo, que se intensifica com o surgimento de outras necessidades (como exemplo a roupa para ir ao baile funk).

A associação entre juventude e desvio (subversão de práticas na cidade) são discussões presentes nas metrópoles contemporâneas. Os pixadores têm a informação de que o que fazem é proibido por lei, as punições, no entanto, não chegam ao âmbito da justiça, como geralmente são menores de dezoito anos a polícia local dá um “trato” neles.

Compreender a importância de pixar para esses jovens é reconhecer que a juventude só acontece quando é sociabilizada. A pixação é uma ferramenta para obter prestígio social, fazer amigos, ser admirado pelas garotas, além de uma forma de extravasar energia sem calcular limites, sem hesitação do medo da morte. O pixador Scorpion S.R. (Suicida das Ruas) nos revelou o que aconteceu quando foi pego pela polícia:

A gente tava pixando isso foi no começo do ano, passou o carro da policia, nós não vimos, quando agente foi se ligar já tava perto, um deles apontou a pistola e mandou parar. A gente correu, mas eles conseguiram nos pegar. Encostou a pistola na cabeça da gente e falou: “Cadê a lata?”. Daí ele bateu na gente, pegou a lata, falou uns bagulhos lá, bateu de novo, mas não pintou (pintar o rosto ou cabelo do pixador), aí a gente saiu fora.

E Sask D.N.G. relata a normalidade de ser pego pela polícia:

Todo pixador já foi pego, é normal, tens uns que se sente é mais considerado quando é preso, é status aparecer na televisão, tem o nome divulgado (risos). Quando o Ronda flagra, bate e ainda pinta nosso cabelo com o jet, aí temos que voltar pra casa de ônibus todo pintado. (Sask D.N.G. “Detonando no Grafite”).

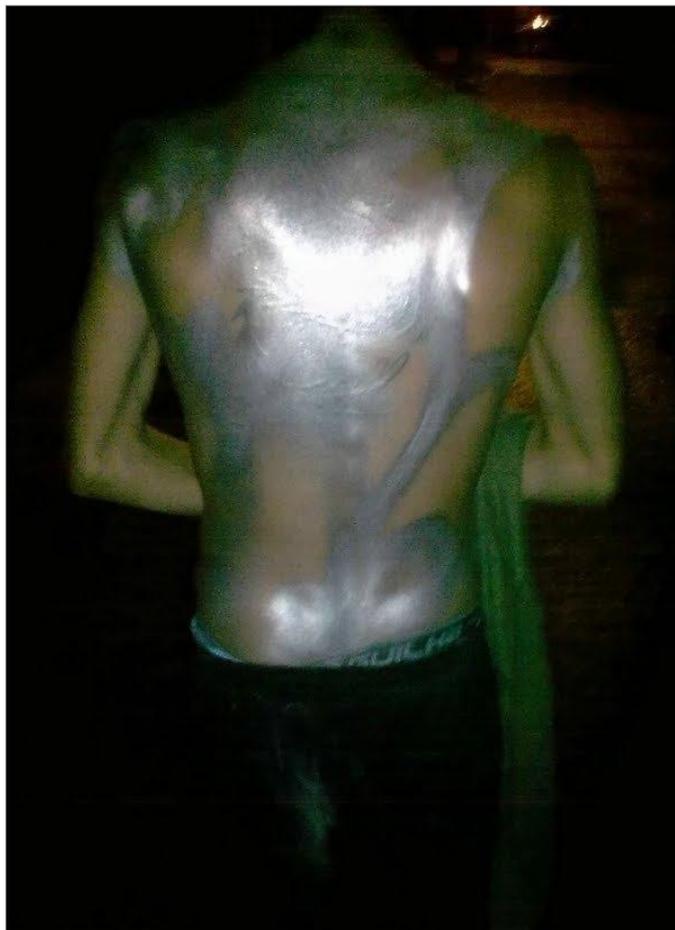


IMAGEM 19: “Rodar faz parte”, pichador que foi pego e teve seu corpo riscado com o spray.

FONTE: Orkut do pichador Snow T.B. Fortaleza – CE.

O discurso dos pichadores das décadas iniciais da pichação revela a disparidade dessa prática juvenil, demarcada entre o início (décadas de 80 e 90) e o momento presente (décadas de 2000 e 2010). Segundo esses pichadores a prática perdeu moderadamente seu heroísmo de outrora com a presença marcante da violência nessa prática juvenil urbana da contemporaneidade. O relato abaixo expressa essa diferenciação:

Se você fosse botar na balança a cultura dos pichadores da década de 80 e essa geração nova, o que é que você poderia dizer? Qual a diferença? (Fuga R.M.)

Tudo. Antigamente a pichação, sem sombra de dúvida, era mais clássica. Havia respeito. Se você visse um nome você não passava por cima, hoje em dia não, o cara passa vê o nome e passa por cima, desrespeita, eu acho isso um negocia muito baixo. É muito diferente, nós éramos uma geração privilegiada porque havia muito respeito tanto entre os componentes das gangues como entre as gangues. Hoje em dia não, se o cara é de uma gangue e tem outro membro de outra gangue o que pode acontecer é um puxar o revólver e matar o outro. Raramente você conseguiria encontrar uma intriga entre dois pichadores no passado, hoje não, hoje facilmente você consegue encontrar. (Cancão R.P.M.)

A presença da arma de fogo é algo revelador no discurso de pixadores dos 80's e 90's como fator de diferença da pixação praticada no passado com a do presente.

Naquele tempo a pixação já era um estilo assim mais de revolução, mostrar o que nós queríamos fazer mesmo, tá entendendo? Eu não quero, assim, criticar a galera de hoje, mas eu acho que perdeu um pouco da essência. Tudo bem que eu respeito eles, são a cabeça deles, a geração deles, mas eu acho que essa galera de hoje eles deveriam ter um pouco mais de diálogo entre os outros porque a pixação pra eles hoje ai, eles levam muito pro lado da droga, da falsidade, tá entendendo? Então isso gera muitas desavenças, atrito de gangues. E na nossa época não, na nossa época quando a gente pixava, quando tinha um parceiro nosso que tacava um nome por cima a gente tinha um diálogo, de chegar e dizer: “oh, ou você paga uma tinta ou então a gente briga aqui na mão”, isso naquela época. Hoje não, eles já pensam diferente em querer matar, tá entendendo, querer cobrar furo não só com um, como com a galera toda. Eles já jogam mais pesado. (Fuga R.M. “Rebeldes da Madrugada”, 35 anos, iniciou em 1990, parou em 1994)

Os pixadores da geração 2000 e 2010 apresentam imagens em seus perfis, nas redes sociais da internet, de símbolos como a arma, o dinheiro, a bebida, as latas de jet, que comunica uma simbologia do poder. Escrever o nome da sigla, por exemplo, T.B. “Terrorista dos Bairros” em forma de dinheiro, de jet ou de munição são estratégias para atrair olhares dos usuários do Orkut, e construir numa dimensão identitária do “eu” detentor de poder econômico (dinheiro), poder de força (arma), poder de pixo (latas de spray).



IMAGEM 20 e 21: Símbolos de violência e poder.

FONTE: Imagens pessoais apresentadas em perfis na rede social Orkut.



IMAGEM 22: Simbologia de poder.

FONTE: Imagem pessoal apresentada no perfil de Snow T.B. na rede social Orkut.

Os símbolos são utilizados para chocar usuários da internet, chamar atenção para o seu perfil, por isso é verificado o uso desses símbolos de forma a apresentar grandes quantidades. Muitas latas, por exemplo na imagem 21, representam a grande quantidade de tinta em poder dessa sigla T.B. Dá a entender que eles pixam bastante, é uma quantidade de tinta suficiente para marcar a metrópole inúmeras vezes.

A atividade do xarpi nas gerações 2000 e 2010 são intercedidas, também, pelo uso de bebidas, drogas e até armas, essa violência pode ser entendida pela:

As difíceis condições de desenvolvimento para a população jovem de periferia definem expectativas de vida e conduzem à mortes prematuras, no contexto marcado por problemas econômicos, pela violência, pelo consumo de drogas, pelo tráfico, pela ausência de oportunidades e por todas as outras formas de vício e descaminho que o mundo do extermínio pode oferecer. (FREITAS, 2003, p.45)

Os usos ilícitos de bebidas (verificado que a maioria dos pixadores são menores de dezoito anos) e drogas aparecem com frequência na reuniões dos pixadores. E o uso de armas de fogo aparece explícito em imagens dos perfis sociais dos pixadores no Orkut.

É só pra aparecer, porque tem umas meninas que pagam pau, uns caras que pagam pau. Tinha uns pixadores fudido de pobre e tinha altos riquinhos playboy. E ai na pixação a galera se misturava. Eu andei com vários pixadores desde os lascados ate os playboys cheio de grana. A maioria usava droga: maconha, pó, crack. Ai tinha a

“aranha” e a “rocha” que falavam que era pra dar coragem pro cara pegar alturas, mas na época um bocado tava começando a usar crack. Inclusive o oferecimento que sempre era “de rocha” passou a ser de nóia p/ fulano de tal. “De nóia”, ou seja, era pra identificar que ele usava pedra. Pra mim foi algo q me arrependo, só perdi meu tempo, fiz muitos amigos, mas era uma curtição “mó paia”. (Hugo)⁴⁰

As palavras de Hugo traduzem a genealogia do símbolo “de rocha” frequentemente encontrado nos muros. Segundo ele, “de rocha” simbolizava o comprimido que recebia esse nome pelo seu fabricante. Esse “de rocha” é um símbolo dos anos 2000, que adquiriu hoje significados mais abrando, na linguagem oral ele é utilizado por vários jovens, não necessariamente pixadores. “De rocha” ou “rochedo” significa uma afirmação “de verdade”, “pode crer”; no mesmo sentido semântico “rochedo” significa “firmeza”, “massa”, “ta de boa”.



IMAGEM 23: Para os L.V. “de rocha”.

FONTE: Imagem pessoal. Av. Francisco Sá. Fortaleza-CE. (2012)

⁴⁰ : Hugo é meu amigo particular. Seu depoimento marca sua experiência nos anos 2000. Ele era BECK E.M. “Esquadrão Maligno”. (Entrevista feita pelo MSN dia 09/05/12, às 19hs).

Eles chamavam rocha, roche o fabricante, saca? Era algum comprimido, depois virou "de nóia". Alguns fazem uma ervinha, mas rocha é um comprimido. Quer dizer que tu acha que esse "de rocha" vem do uso da droga? Sim, que depois virou gíria, porque a evolução do "de rocha" foi o "de nóia" (pedra). Mas o símbolo no muro, tu sabe porquê? Parece um alvo de mira. Porque é o comprimido... (Hugo)

A cultura do xarpi dos anos 2000 e 2010 veste-se de imagens como a música rap⁴¹; a moda das vestimentas de bermudão, boné; as tatuagens no corpo. Na música prevalece o gosto dos pixadores pelo gênero rap tendo como artistas principais os Racionais Mc's⁴² e o grupo *Facção Central*⁴³. “Vida Loka⁴⁴” é uma grafia e termo frequentemente usado pelos jovens de periferia, faz menção a canção de mesmo nome do grupo Racionais Mc's.

Essa canção é uma narrativa dos diálogos entre chefes moradores da favela, os líderes de gangues, em seu cotidiano de parcerias e desconfianças. O narrador conta que está sempre esperto, pronto para o que der e vier, afinal ele está numa “vida loka”, vida inserida na violência e criminalidade. Onde o poder público da polícia é citado como mais um inimigo, mas que na lei das ruas quem é dono da comunidade são eles, onde o sujeito que não pertencente a sua gangue, não é bem vindo, “safado não atravessa não”.

A letra da música apresenta o conceito de morte como norteador das vivências na comunidade das favelas, não há outra forma de resolver o problema que não seja através da arma. A masculinidade impera e ser homem é resolver a intriga no sistema de eliminação, ou morre ele ou morre o inimigo.

⁴¹: é um discurso rítmico com rimas e poesias, que surgiu no final do século XX, entre as comunidades negras dos Estados Unidos. É um dos cinco pilares fundamentais da cultura Hip Hop. (Fonte: Wikipédia)

⁴²: é um grupo brasileiro de rap, fundado em 1988 na periferia da cidade de São Paulo por Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira), Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador), Edy Rock (Edivaldo Pereira Alves) e KL Jay (Kleber Geraldo Lelis Simões). Suas letras falam sobre a realidade das periferias urbanas brasileiras, discutindo temas como o crime, pobreza, preconceito social e racial, drogas e consciência política. (Fonte: Wikipédia)

⁴³: é um grupo de rap brasileiro, formado na cidade de São Paulo no ano de 1989. Ele é formada pelos cantores Eduardo, Dum-Dum, Moyses e DJ Binho. Facção Central alcançou enorme repercussão devido ao forte conteúdo de suas letras e até a prisão de seus integrantes após a veiculação do clipe "Isso aqui é uma Guerra". (Fonte: Wikipédia)

⁴⁴: Trechos da música “Vida Loka” dos Racionais Mc's. (Grifo meu). Disponível em [<http://racionais-mcs.musicas.mus.br/letras/64916/>] Acesso em: 17/04/12, às 18hs.

Eu me sinto às vezes meio pá, inseguro
 Que nem um vira-lata, sem fé no futuro
 Vem alguém lá, quem é quem, quem será meu bom
 Dá meu brinquedo de furar moletom!
 Porque os bico que me vê, com os truta na balada
 Tenta ver, quer saber, de mim não vê nada
 Porque, a confiança é uma mulher ingrata
 Que te beija e te abraça, te rouba e te mata
 Desacreditar, nem pensar, só naquela
 (...)

Talarico nunca fui e é o seguinte
 Ando certo pelo certo, como 10 e 10 é 20
 Já pensou doido e se eu tô com meu filho no sofá
 De vacilo desarmado era aquilo
 Sem culpa e sem chance, nem pra abrir a boca
 Ia nessa sem saber, pro cê vê, **vida loka!**

(...)

- então truta demoro, no final do ano nós vamos marca aquele jogo lá, eu você, o Blue, os cara do Racionais, tudo ai moro meu? **visita sua aqui é sagrada, safado num atravessa não morô?**

Mais na rua não é não!
 Até Jack! tem quem passe um pano
 Impostor, pé de black, passa por malandro
 A inveja existe, e a cada 10, 5 é na maldade
 A mãe dos pecado capital é a vaidade,
 Mas se é pra resolver, se envolver, vai meu nome, eu vô
 Fazer o que se cadeia é pra homem?
 Malandrão eu? não, ninguém é bobo
 Se quer guerra terá, se quer paz, quero em dobro

Snow T.B. (geração 2000, pixa desde 2008) revela que “*pixador em 99% dos casos nunca morre por pixação, morre por envolvimento com droga, roubo, estádio, torcida organizada, mulher, tráfico e por ai vai...*”. Segundo os depoimentos dos pixadores da geração 80 e 90, a pixação nos dias atuais trava mais conflitos entres pixadores e entre gangues do que em seu início. A concorrência entre eles faz surgir intrigas, que são estimuladas por mensagens nos muros, desafiando outro pixador a atingir sua marca, como a frase “Cadê o bichão”, revelada na imagem 24 abaixo.



IMAGEM 24: “Cadê o Bichão?”. Anos 2000. Fortaleza – CE.
FONTE: Orkut

As frases de rivalidade expressa nos muros inflamam o conflito entre os pixadores ou entre siglas. Se não houver humildade (termo frequentemente utilizado por eles) a rixa pode tornar-se mais séria e perigosa. Arquetipicamente, acontece uma caçada, onde um dos pixadores se armam e vai atrás do pixador inimigo para resolver o conflito da forma mais cruel, ou seja, executando-o. (Como verificamos nos relatos presentes no sub-capítulo “O conflito entre os pixadores”).

4. A CIDADE COMO LUGAR DE ESCRITA⁴⁵

Os pixadores tomam a cidade como lugar de escrita, recriam-na ao seu modo e neste espaço físico escrevem ligeiro através da tinta spray sua assinatura pessoal, que para além de um apelido, é uma grafia estilizada.

Nesse contexto, como o grafite, a pichação, as músicas, a coreografia e a estética corporal enunciam-se também como recursos encontrados pelos jovens para dar visibilidade à sua presença no espaço urbano. Essa dinâmica multifacetada de ocupação urbana expõe o caráter plural de várias formas de vivências dos jovens. O urbano parece ter sido tomado pela presença dos jovens nas ruas, imprimindo uma nova dinâmica de uso e uma forma diferenciada de nomear os espaços urbanos. A cidade inteira se converte em objeto de impugnação; não há barreiras capazes de conter essas vozes que, ao mesmo tempo em que “picham” com aerógrafo qualquer superfície tatuável da cidade, reinventam os usos do espaço urbano. (FREITAS, 2003, p.47)

Esta ação executada pela figura do pixador constrói uma relação dialética com a cidade, o pixador na medida em que cria marcas na cidade, é afetado por estas, na relação de uma contínua comunicação nos muros. A cidade é um espaço de representação de si (FERRARA, 1993, *In*: DIÓGENES, 2004), e o pixador faz dela seu *hall* da fama, apresentando em muros sua rede de relações.

A arte faz irrigar territórios anestesiados do corpo, sentimentos em estado de latência. A arte é um “re-ligare” do que o mundo disse sobre o meu corpo e do que o meu corpo fala para mim como vocação, como pulsão particular. (DIÓGENES, 2004, p.19)

A pichação e sua rede de símbolos promovem uma comunicação somente entre o grupo dos pixadores, que possuem capital cultural necessário para decodificar aquela inscrição. É como nos relata o depoimento abaixo:

A pichação tem um mundo muito grande, mas um mundo fechado só pra quem é pixador, ou quem já foi pixador que conhece, tá entendendo? É uma arte muito reservada pra quem pratica, a sociedade não considera Arte, não tem aceitação. (Tubarão, ex-pichador (1995 a 1999) e grafiteiro desde 1999).

Essa imagem corriqueira que povoa a cidade tem muito a dizer quando acompanhada de uma narrativa. Alberto Manguel (2001) discorre que nossa vida é permeada por imagens, as imagens assim como as histórias nos informam. Ao falarmos, nossa linguagem sugere imagens, assim como ao vermos uma imagem podemos traduzi-las em palavras.

⁴⁵ : termo utilizado pela autora Glória Diógenes em Cartografias da cultura e da violência - gangues, galeras e movimento hip hop, ed. AnnaBlume, (1998).

“Só podemos ver as coisas para as quais já possuímos imagens identificáveis, assim como só podemos ler em uma língua cuja sintaxe, gramática e vocabulário já conhecemos.” (MANGUEL, 2001, p.27). A pixação é uma escrita da subjetividade do pixador, que através de um alfabeto particular de símbolos demonstra essa cultura visual auto-sustentável. Auto-sustentável no sentido de que os próprios pixadores são consumidores dessas imagens, em sua rede de relações pessoais e virtuais⁴⁶ eles divulgam, comentam, criticam, elogiam, rememoram, fazendo com que a sociabilidade se intensifique e o desejo de sair às ruas novamente fique latente.

A grafia da pixação é uma coisa pra mim extremamente interessante, porque pra mim representa um ideograma que tem de descobrir o significado. E o significado não é somente literal, alfabético, é o significado imagético, de imagem. (Canevacci⁴⁷)

A apreensão de cidade para um pixador é algo particularmente compartilhado entre seus semelhantes e é desta percepção alheia à maioria dos habitantes da cidade que surge o preconceito à pixação. Essas inscrições públicas promovem uma comunicação somente entre os pixadores ou a quem possua o mínimo de entendimento desses códigos visuais.

E é mesmo verdade que o significado das pichações é inteligível para quem é do pedaço, pois, como os próprios pichadores afirmam explicitamente, eles não querem se comunicar como todo o mundo, mas apenas entre si: as inscrições são para aqueles que “sabem ler o muro”. (MAGNANI, 2005, p.197)

Esse mundo fechado aqui relatado revela em que existem grupos de jovens pertencentes a um tecido nervurado de relações sociais que dão sentido a pixação. Muitas são as motivações que fazem nascer esse jogo da disputa, já apresentadas no tópico “A sociabilidade entre pixadores”. Essas formas de sociação se engendram pelo propósito da vida de desejo por algo, necessidade de ganho, necessidade de afirmação de uma personagem, o pixador.

O pixador é um personagem construído através de um nome de guerra, de uma estética, de uma galera, mas que não falseia suas emoções, seus instintos e desejos. Esse

⁴⁶ : *Virtual*: Mediado ou potencializado pela tecnologia; produto da externalização de construções mentais em espaços de interação cibernéticos, conceito presente no artigo “O que é, realmente, o virtual?” O artigo se propõe a explorar a cartografia semântica do virtual, inicialmente proposta por Pierre Levy, assim como apresentar categorias de sua utilização. Disponível em: <http://www.ccuac.unicamp.br/revista/infotec/artigos/renato.html> Acesso em: 12/05/12, às 17h30.

⁴⁷ : Depoimento presente no vídeo “Pichação busca reconhecimento e é discutida por acadêmico”. Disponível em : <http://www.youtube.com/watch?v=UzuCPnDFa4w> Acesso em 11/05/12 às 23hs.

personagem vive de acordo com a intensidade de investimento do “eu” sujeito para as artimanhas da pixação. A constância com que o pichador vai interferir nela vai depender da potência do seu desejo. A cidade é um palco que não se desmonta a maneira. “*Os 80’s e 90’s foram a melhor época que eu vivi. Muita adrenalina, muita festa, muito baile, feirinha, caipirinha, mulheres, foi muito bom, conheci muita gente e tenho muita saudade*”. (Cancão R.P.M “Rebeldes Protestantes da Madrugada”⁴⁸).

4.1 A imagem como representação do pixador

Equivoquei-me conversando com Fuga R.M. (Rebeldes da Madrugada) ao afirmar que não havia literatura sobre a pixação de Fortaleza, ele de pronto me respondeu que havia sim, e sugeriu que eu procurasse vídeos no *youtube* com o título “Fuga RM”. Está acontecendo o extraordinário, os próprios pixadores estão escrevendo sua literatura nas redes sociais através desses vídeos, iniciativa de Fuga R.M., que aqui expresse um elogio pelo trabalho de reunir os antigos pixadores da década de 80 e 90 e construir um arquivo público de narrativas sobre essa *arte proibida*⁴⁹.

Na fala desses pixadores nota-se o caráter saudosista à adolescência no xarpi, eles rememoram com orgulho dos feitos, dos *rolês*, dos *furos*, num olhar reflexivo ao passado com a justificativa de que eram *rebeldes*⁵⁰. O corpo não era capaz de conter tanta adrenalina dos hormônios da juventude, era necessário extrapolar, sair nas quebradas, meter nomes e correr o risco porque como diz chavão deles: “pixar é uma arte, *rodar* faz parte”.

Naquela época nós éramos muito rebeldes, rebeldes mesmo, pela idade 15, 16 anos. E nós tínhamos a vontade de estourar aquela adrenalina dentro da gente e através da pixação nós conseguimos fazer isso. Além do mais, a aventura e conhecer novas pessoas. A amizade sempre foi fundamental naquela época, desde aquele tempo até hoje. (Cancão R.P.M “Rebeldes Protestantes da Madrugada”, iniciou nos 80’s, parou em 1992)

⁴⁸: Depoimento presente no vídeo “Fuga RM entrevista Cancão RPM”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pokRBK086DE&feature=relmfu>>. Acesso em: 30/04/12 às 18hs.

⁴⁹: Título da narrativa escrita por Cancão R.M. em entrevista disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pokRBK086DE&feature=relmfu>. Acesso em: 30/04/12 às 18hs.

⁵⁰: como representação simbólica, de uma situação de enfrentamento social de um sistema que os segregam.

Alguns pixos nos muros estão antigos, a tinta spray que antes era viva se esmaece numa coloração amarelo-esverdeada e os amigos contemporâneos tentam preservar através de fotos as marcas que ainda existem dos primeiros a construir a história da pixação em Fortaleza. A vontade é que o xarpi seja inesquecível assim como foram os seus escritores, permeando a memória dos “reis do xarpi” através das imagens nas redes sociais.



IMAGEM 25: “19/03/ ? O REI!!!! TANGO ER”. Fortaleza – CE.

FONTE: Arquivo virtual de Rato M.P. na rede social Orkut.

A imagem acima faz parte do álbum de fotos raras do pixador colecionador Rato M.P., junto a essa existe dezenas de fotos cuja legenda apresenta os créditos do xarpi ao seu executor. Já fazem mais de vinte anos que essa cultura urbana surgiu na cidade de Fortaleza, portanto alguns ex-pixadores desta década tentam com zelo e meticulosidade catalogar as diversas assinaturas dos antigos que ainda existem na cidade.

A década atribui valor ao pixo e ao pixador, as marcas que ainda existem na cidade agora são raras, conquistaram seu espaço por longos anos e assim, segundo eles, devem permanecer. Compartilham desse pensamento alguns pixadores, como os que expressaram seu comentário sobre a imagem acima:

Gavião FN: “*E essa então??? Tem que respeitar os das antigas porque inspiraram todos esses da nova geração, mais ai o cara vem e mandar ver por cima, nada a ver..*”

Rato MP: “*no mínimo ele não sacava da historia da qual ele faz parte*”

Cachorro100rumo: “*é jogo errado esse elemento da GR atropelar o nome do Tango*”

Netinho: “*jogo paia⁵¹ mesmo ...o tango das anta⁵²...*”

Pichs of Fortal 80/90/2000: “*Buda GR por cima do finado Tango, parece de propósito!!!*”

Quem desvaloriza a tradição ignorando aqueles primeiros riscos nos muros é criticado nos comentários das fotos, pois, pensam os antigos pixadores que dever-se-ia ter o respeito a quem iniciou essa cultura na cidade, a quem fez a história. Eles afirmam que o respeito é uma via de mão dupla, e no futuro essa geração 2000 e 2010 de pixadores ao “olhar” para o passado vai se reconhecer como história também, e, provavelmente, estes sujeitos também irão querer ser imortalizados nos muros, nas fotos e nas memórias dos que ainda estão presentes.

Muitas são as homenagens à pixadores já falecidos nos muros e em imagens nas redes sociais. Os pixadores nomeiam imagens e fazem homenagens à companheiros que representaram a cena do xarpi em Fortaleza.

Paula Sibilia em seu famoso livro “O show do eu” (2008) comenta como as pessoas almejam serem (re)conhecidas. A cultura dos anos 2000 desenvolveu uma espetacularização do “eu”, a internet e seus programas de intimidade como redes sociais, *blogs*, bate-papos via *web cam*, tornaram a vida íntima e alheia como objeto de curiosidade, e de sucesso (comercialmente falando). O contato entre milhares de usuários, possibilita conhecer novas pessoas e suas intimidades ao ponto de acontecerem paixões e casamentos virtuais. Possibilita, também, saber os gostos e intimidades de personalidades famosas, além de que, a própria exposição do sujeito ordinário pode fazer dele uma personalidade famosa na mídia.

Quando mais a vida cotidiana é ficcionalizada e estetizada com recursos midiáticos, mais avidamente se procura uma experiência autêntica, verdadeira, não encenada. Busca-se o realmente *real* — ou, pelo menos, algo que assim *pareça*. Uma das manifestações dessa fome de veracidade na cultura contemporânea é o anseio por consumir lampejos da intimidade alheia. Em meio ao sucesso dos reality-shows, o

⁵¹: gíria que significa algo ruim, é uma crítica a uma atitude recriminadora. Exemplo: “Mó paia!” = “Sacanagem fazer isso com o cara!”

⁵²: das antas significa das antigas.

espetáculo da realidade faz sucesso: tudo vende mais se for real, mesmo que se trate de versões dramatizadas de uma realidade qualquer. Como duas caras da mesma moeda, o excesso de espetacularização que impregna nosso ambiente tão midiático anda de mãos dadas com as diferentes formas de “realismo sujo” hoje em voga. A Internet é um palco privilegiado deste movimento, com sua proliferação de confissões reveladas por um eu que insiste em se mostrar sempre ambigualmente real, mas o fenômeno é bem mais amplo e atinge as mais diversas modalidades de expressão e comunicação. (SIBILIA, 2008, s/ p.)

E nessa busca de fazer-se ver na metrópole e na internet os pixadores exibem suas melhores imagens das ações nas ruas, canções, símbolos e imagens que promovem significações de poder, força, fúria e etc.



IMAGEM 26: “Por do Sol: a firma é forte. A lei do mais alto”
FONTE: Arquivo de Snow T.B. no Orkut.

A imagem gráfica acima foi construída por um dos integrantes da sigla “Terroristas dos Bairros”, tem como figura central uma caveira que se funde com o fundo negro. A gangue de pixadores T.B. está geograficamente situada no bairro Messejana, foi iniciada lá e possui a maioria dos seus integrantes moradores da Messejana. Nesse bairro existe uma favela chamada Pôr-do-Sol, que está registrada como uma localização de constante violência com pontos de tráfico de drogas.

“Policiais do Batalhão de Polícia de Choque (BpChoque), realizaram, ontem à noite, um cerco na favela Pôr-do-Sol, às margens da CE-040, em Messejana. A PM tem intensificado as ações naquele local, considerado pontos de venda de crack.”
 (Fonte: Diário do Nordeste)

“A firma é forte” é uma frase presente na imagem e que faz parte do funk do MC Tição, onde se subentende uma referência ao tráfico, também com o uso do termo “boladão”, que pode significar estado emocional nervoso, ou estado físico de possuído.

“A firma é forte” indica poder do dinheiro e das armas, os vídeos-clipes no Youtube são ilustrados por imagens de dinheiro, armas, munições, garotas, motos e carros, bem como existem outras versões desse funk que citam armas como: “PK”, “AR-15” e outros termos como: “caverão” e “157”.

A firma é forte
E os caras desacreditou
Entrou em pânico
Nosso bonde é chapa quente mano não se irrite
É o dj, boladão, boladão

Aqui eu sei que a firma é forte agora eu vou te falar
O nosso funk no Brasil, há..
Veio pra ficar
Se não acredita só escuta
Escuta o nosso som
Já dominou todas rádios vindo pra televisão
Eu to te dando um papo reto
Acredita que nós pode..
DJ e MC tição,
Ta ligado a firma é forte!

(“A firma é forte”, fonte: <http://letras.terra.com.br/mc-ticao/998165/> Acesso em: 14/05/12)

Alguns pixadores se utilizam de imagens que fortemente denotam violência como portando armas, muitas notas de dinheiro e/ou drogas. Outros, que, provavelmente, não são usuários de drogas ou que não fazem parte do tráfico, apenas exibem imagens de pixação. Apresentando, principalmente, xarpis em alturas. A frase: “A lei do mais alto” na referida imagem 26, representa a competição “top” da pixação: os *picos*.



IMAGEM 27 : Pixações em outdoor. Fortaleza – CE.
FONTE: Arquivo de Snow T.B. no Orkut.

Um outdoor vazio é “prato cheio” para os pixadores que passam por ali. A placa no alto vazia de imagens está servindo para dar destaque a “arte da pixação”. Os pixadores se apoderam do espaço superior do outdoor, preenchendo seu espaço de uma ponta a outra. Essa estratégia é feita para evitar que outro pixador interfira no espaço que é daquele grupo, se *vacilar* de deixar um espaço vazio, outros irão se intrometer no *paredão*.



IMAGEM 28: “Homem Aranha”. Anos 90. Fortaleza – CE.

FONTE: Orkut

A imagem 28 recebeu como título de um pixador na rede social *Orkut* o termo “Homem Aranha”, essa imagem e título é o demonstrativo da coragem e risco na situação de pixar em grandes alturas. Os pixadores se equilibram verticalmente no muro tendo somente um braço como suporte para o seu corpo no momento da ação. Pondo a vida em jogo e saindo ilesos fica a pixação no muro e a imagem para perpetuar o *pico*.



IMAGEM 29: “Vem na trilha”. (s/ data) Fortaleza – CE.
FONTE: Orkut



IMAGEM 30: “Vem na trilha”. (Detalhe)
FONTE: Orkut

A imagem 30 é comentada pelo pixador Snow T.B. em uma conversa de bate-papo:

Qual exemplo de lugar que alguém “pegou” que mais te chamou atenção?

Um prédio no centro perto do IJF que o Cipó G.Z.P. pegou. Que ele desceu até o meio do prédio pelos cabos de aço e botou "VEM NA TRILHA".

A imagem é um documento que traz à tona a memória da ação, quando o pixador torna a vê-la relembra o percurso que fez para atingir aquela altura, as emoções sentidas naquele momento; “impasses, ausências, paisagens recompostas, atitudes, as imagens narram uma forma de ver, modos de sentir.” (DIÓGENES, 2004, p.09)

A marca do xarpi no muro indica a presença constante de um corpo naquele espaço, é a marcação de um território. Ultrapassar limites de muros e de vigias e chegar ao local desejado torna, para os pixadores, legítimo a ação de nomear aquele espaço como deles. “Desse modo, as fotografias e, fundamentalmente, o grafite são novas formas de registro e intervenção dos corpos no local de moradia.” (DIÓGENES, 2004, p.17)

Como andarilhos, os pixadores vão percorrendo a cidade com seus olhos atentos aos espaços possíveis de divulgação de seus xarpis. A prática da pixação sensibiliza o olhar desses jovens para estarem atentos ao corpo estético da metrópole. Nos caminhos percorridos de ônibus ou a pé o pixador vai tomando conhecimento cartográfico da cidade.

Ah quando to andando de ônibus geralmente tem nada pra fazer vou escutando musica e olhando os lugares que pretendo pegar, ou se tem nome novo de algum amigo meu. Mais me chama bastante atenção quando eu vejo um lugar muito difícil que alguém pega. Fico matutando tentando entender como pegou lá. (Snow T.B.)

A cidade além de localidades de vivências, é uma imensa mídia de divulgação para nomes. Rato, Ruge, Gordo, Bafu, Liso, Snow, Pacato, Pango, Osso, Slayer, Miúda, Mutreta, Fuga, Sombra, Kite, Muleka, Seco, Sask, Doido, Tefinha, Máster entre tantos outros “nomes de guerra” marcam seus territórios na cidade por onde desejam simbolicamente estarem ou, simplesmente, por onde passam, como um rastro de momentos. A imagem abaixo demonstra que mesmo situando-se fora da metrópole, em rodovias desabitadas sem muros, o suporte físico da natureza serve como espaço para deixar uma marca, pedras ou palmeiras recebem pixos.



IMAGEM 31: “Pixação na pedra”. Margem da BR 116, Itaitinga-CE. (2011)

FONTE: Arquivo pessoal.

A pixação se inova e percebemos que ela agrega sempre mais significações e possibilidades, como na imagem 30. A atividade de pixar é como um “se jogar no mundo”, é sair com um spray na mão para as possibilidades do caminho. Os pixadores executam o xarpi em qualquer possibilidade, parecendo ser essa uma atividade viciante. E esse vício cessa momentaneamente no momento em que a tinta da *tala* acaba, pois enquanto houver tinta haverá roles e pixações. A frase do pixo abaixo “pra não perder a noite” expressa uma justificativa para mais uma noite na vida do pixador. “Pra não perder a noite” está significando que a noite aquela determinada noite tornou-se valorizada porque “terminou” em pixação.



IMAGEM 32: “Pra não perder a noite”. Fortaleza – CE.
FONTE: Orkut.

Olhando o álbum de fotos das incursões de um pixador verifco sua preocupação em fotografar duas vezes sua pixação e fazer uma sobreposição entre as duas imagens. Na imagem 31, vemos como uma foto que apresenta uma visão geral da paisagem, com um prédio ao centro da imagem e o céu ao fundo. Nesta mesma imagem, sobreposta à foto de fundo, revela-se o detalhe oculto de uma pixação, suscita, então, o entendimento de que sua pixação está localizada no topo daquele prédio. As duas fotos se complementam, e o autor a comenta dizendo “T.B. PREVCON 20 ANDARES. VAI VENDO!”.



IMAGEM 33: “TB PREVCON 20 ANDARES. VAI VENDENDO!”. Fortaleza – CE.
FONTE: Arquivo virtual de Snow T.B. “Terrorista dos Bairros” na rede social *Orkut*.

Essa dedicação ao xarpi é justificada pelo o que a cultura da pixação pode promover ao jovem pixador: reconhecimento, fama, amizades, paqueras. No meio desse meio majoritariamente masculino existem figuras femininas que motivam a atividade da pixação, são as admiradores dos mais afamados pixadores. Elas desejam *ficar* ou namorar um pixador, e ganham dedicatórias nos muros. Os garotos se utilizam da consideração para se sobressair em vantagem na conquista feminina, eles explicam que “as gata piram” ou que “as gatas me ama” (imagem 34).

É porque no nosso meio de periferia, os cara, os que se destacam, geralmente é como se fosse um troféu, tá entendendo? Se o cara é o pichador mais conhecido da área e a menina que tiver do lado dele, as outras já ficam cochichando como se aquele cara fosse um troféu. (Júlia) (FREITAS, 2003, P.91)



IMAGEM 34: “As gatas me ama”. Fortaleza – CE.

FONTE: Arquivo de *Orkut*.

Juventude e fase adulta são dois períodos interligados pelo limiar de conceitos de maturidade, responsabilidade. O jovem tem como atitudes: negar os limites, se jogar no mundo, “fazer o que der na telha”. Noutra viés, a chegada à maturidade (que aqui não significa a maioridade) é norteada pela palavra responsabilidade. E nessa mudança de pensamento, aquisição de consciência, reflexão de seus atos, o ex-jovem passa a ser integrante da fase adulta, cuja consciência o faz dirigir suas atitudes para as obrigações com a família e o emprego. Esses são os principais motivos da geração dos 80’s e 90’s parar com a prática da pixação. No depoimento abaixo, o relato de um dos primeiros pixadores de Fortaleza, Raposão F.G. “Feras do Grafite”:

Minha mãe ficava me esperando todas as noites orando, lembro-me de um dia que cheguei em casa e havia vários cartazes na parede dizendo, “Filho eu te Amo”. Os outros motivos foram que passei no concurso da CPRM (Centro de Pesquisas Recursos Minerais), a maioridade e o encontro com o amor da minha vida, Estamos casados até hoje.

Ter feito parte da pixação é algo algumas vezes relatado como necessário a fase da juventude. Quando o momento de pixação torna-se algo do passado a reflexão do sujeito o faz analisar aquelas ações reverberadas no presente. A pixadora⁵³ Déia relata abaixo sua incursão na pixação:

Eu era muito nova naquela época, estudei em colégio de freira, de padre, querendo ou não, foi uma maneira de como eu me expressar, conheci grandes pessoas. Era uma forma de manifestar, expressar que a gente não está aqui à toa. Deixar algo e é importante isso que sabe que é um delito, mas eu tive que passar por tudo aquilo pra ser o que eu sou hoje, minha personalidade, minha maneira de agir toda foi graças ao que eu passei naquela época. (Déia R.P.M.)⁵⁴

Verificamos ao longo dessa pesquisa que está fortemente marcado dois momentos da pixação em Fortaleza, o período da “era de ouro do xarpi” que engloba as décadas de 80 e 90 e o período atual da década de 2000 e 2010. O discurso de um dos pixadores das primeiras décadas deixa explícitas as diferenças na cultura da pixação.

Sou Raposão, pixei muro desde a década de 80, especificamente em 87. Eu venho falar aqui como eu vejo a pixação hoje e qual era a minha visão no passado. Bom, no passado a pixação tinha dois objetivos, o primeiro era aumentar o nosso ciclo de relacionamentos, aumentar o nosso poder de comunicação de interação com outras galeras, com outras juventudes, outros colégios. A segunda era uma forma de protesto, forma de rebeldia, de estar protestando, trabalhando contra a agressão à natureza, contra o uso de drogas, uma forma mais política, mesmo que pouco entendido pela sociedade. A gente usava umas letras, principalmente na pixação, que era fácil de serem entendidas, fácil de serem interpretadas, de forma que isso fluísse mais fácil. Hoje, eu já acho diferente, por exemplo, eu não consigo entender a maioria das pixações, nem o que ta aqui escrito, nem qual é o objetivo, qual é o protesto. (Raposão F.G.)⁵⁵

⁵³: As mulheres apesar de não aparecerem em grande número no movimento da pixação, tampouco nesta pesquisa, também, encontram-se envolvidas nessa cultura seja pixando ou admirando pixadores.

⁵⁴: Depoimento que aparece no vídeo: “Fuga RM Entrevista DEIA RPM.wmv” Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=F0-tRZigSm4&feature=relmfu> Acesso em: 05/05/12, às 16hs

⁵⁵: Depoimento que aparece no vídeo “Fuga, RM & AMIGOS.mpg” Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=0EO-TfUFlgs> Acesso em: 05/05/12 às 13hs



IMAGEM 35: “Raposão F.G.” (1990). Xarpis de Raposão, Ratinha, Sombra e Gabola.

FONTE: Arquivo virtual na rede social *Orkut*.

Raposão cita dois objetivos com a pixação, fazendo uma análise no paralelo entre a geração do xarpi de 80 e 90 e as gerações atuais de 2000 e 2010, tomando como referência o depoimento de Raposão, podemos encontrar semelhanças. A pixação na atualidade continua sendo uma ferramenta do jovem para aumentar o seu poder de expressão de si, poder de conquista na galera, e os xarpis continuam a gerar grande comunicação na metrópole.

Os protestos dos quais discute Raposão eram promovidos em menor número por eles e, hoje, não são mais encontrados. Mas a rebeldia pode estar presente na atualidade, ao entendermos o conceito de *rebelde* como “aquele que participa de uma rebelião” (wikipédia), conscientemente ou não. Fato é que as gangues de pixadores atuam em bando provocando a cidade e seus habitantes. Estão, assim, provocando rebeliões, conflitos na paisagem urbana e nas vidas cotidianas atingidas em qualquer grau pela pixação.

Como afirma Pallamin: “A cultura é socialmente situada e espacialmente vivida. Suas significações são espacialmente ‘encarnadas’, sendo o valor cultural dos objetos e obras, não imanentes a estes, mas sim tecido e nervurado nas relações sociais que lhes

dão sentido” (2000, p.29). A cultura urbana da pixação modificou o seu sentido de atuação, mas isso não a fez extinguir-se. A heterogeneidade da vida social faz com que a cultura se modifique, se remodele. No caso da pixação, as forças de atuação no movimento são tão constantes e inúmeras que a torna viva dia após dia. A comunicação e o tecido emaranhando dessa cultura produzem uma energia que renova constantemente essa prática social.

5. CONCLUSÃO

Simmel (1997) no artigo “*A metrópole e a vida do espírito*” fala que,

os problemas da vida moderna decorrem da vontade do indivíduo de preservar a sua independência e individualidade perante os poderes supremos da sociedade, o peso da herança histórica, a tecnicidade e a cultura da vida contemporânea.

Segundo o autor, ao longo dos séculos os indivíduos procuraram a libertação de vínculos políticos, religiosos, morais e econômicos (século XVIII) e que no século XIX houve uma ênfase na individualidade relacionada à divisão do trabalho.

O mesmo identifica a cidade como um espaço positivo de maior individualidade, relacionada à liberdade, no sentido de permitir o anonimato, podemos perceber isto com mais ênfase na dualidade vida rural e vida urbana.

A cidade em sua complexa rede social, de relações constantes, efêmeras, impessoais é palco de várias formas de sociabilidade. O caráter individual, anônimo para Simmel não exclui este ser de uma rede relacional na metrópole. Para o autor a cidade não é composta apenas por indivíduos, e sim por indivíduos em interação.

A pixação é um movimento brasileiro juvenil iniciado nos anos 80. Pixar é uma ação comum nos centros urbanos, ela tem como significado riscar a cidade de forma a documentar consciente ou não uma situação social, política e econômica que vive o jovem de classe baixa.

Essa intervenção urbana é cúmplice da história do homem na cidade, os grupos de pixadores surgem da construção social da vida capitalista, alimentados pela metrópole com sentimentos de rebeldia, insatisfação, busca de reconhecimento pessoal, transferem para a mesma cidade suas inscrições simbólicas de uma cultura de pixação.

O pixador produz uma marca no espaço físico da cidade que revela vestígios de passagem. Dessa forma, reconhece-se a pixação como um processo de sociabilidade juvenil, com as inscrições nos muros promovendo comunicações e encontros nas redes social e virtual da pixação.

Os pixadores pertencem a grupos ou gangues que os reforçam na cultura do xarpi. A interação social entre os grupos de pixadores acontece através da decodificação da estética de seus xarpis, do conteúdo de suas mensagens e da percepção imaginária da cidade, bem como dos símbolos da pixação.

É clara a associação entre juventude e desvio na prática desses jovens pela metrópole, faz parte da condição natural do momento em que vivem norteados pela

adrenalina. Iniciam na adolescência e param (ou não) quando os compromissos de trabalho e família surgem no cotidiano de suas vidas.

O adulto representa o ideal do corpo disciplinado, docilizado (FOUCAULT, 1977), pressupondo-se já ter sido alcançado nessa fase da vida o controle das funções corporais e terem sido traçados os contornos do individualismo. (DIÓGENES, 2011, p.220)

Viver a pixação é uma fase de algumas juventudes que trazem no corpo uma leitura estética particular da cidade, de um vocabulário próprio da rede dos pixadores. Na leitura final da passagem pela cultura do xarpi, descrevem eles, o que valeu foram as andanças pela urbes, a adrenalina dos riscos, os perigos enfrentados, as amizades feitas e, principalmente, a memória do seu xarpi como história no memorial da pixação em Fortaleza.

" Vivo serei respeitado
morto serei lembrado
nasci para comandar e não
ser comandado.

Vivo serei falado,
morto serei lembrado,
pelos muros e marquises
que por mim foram pixados " ⁵⁶

Eu tenho muito medo de incentivo porque geralmente as pessoas procuram no ato de pixar pra cometer outros atos, né, piores, questão de assalto. Segurança, hoje, tá muito na mídia então os que metem nome já são tachados como ladrão, coisas do tipo. Então eu digo que faça isso com muito cuidado, pensar bem, faz parte da vida, mas isso é uma fase, a gente tem que saber a hora de parar. Não pode é chegar nos trinta anos e ainda estar metendo nome, saindo de madrugada, porque o que fica gente, é isso aqui, essa reunião, porque o resto é só para a gente lembrar e servir de conteúdo para formar o que a gente é hoje, um indivíduo muito legal. (DÉIA R.P.M.)⁵⁷

A pixação promove nos jovens uma valorização de suas individualidades, os jovens se sentem invisíveis e a pixação é uma forma de saírem do anonimato para a visibilidade. Deleuze (1997) ao estudar as micropolíticas de subjetividade apresenta os aspectos de mobilidade e invisibilidade. Os pixadores em suas formas de malta, bandos, famílias, gangues movimentam-se em formas ousadas em trajetos de escaladas, zigue-zagueando a metrópole, despistando policiais para guerrilhar a cidade em suas marcas.

⁵⁶: Visualizado no blog de um pixador. Disponível em: <http://robsoninfor.blogspot.com.br/2008/09/oraodos-pixadores.html> Acesso em 14/05/12, às 21h55.

⁵⁷: Depoimento que aparece no vídeo: "Fuga RM Entrevista DEIA RPM.wmv". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=F0-tRZigSm4&feature=relmfu> Acesso em: 05/05/12, às 16hs.

É como se um pequeno pedaço do universo do morro e da periferia, invisível, pouco visitado e contemplado no imaginário coletivo urbano, deixasse um vestígio, ou melhor, é como se a cidade subterrânea, infernal, se inscrevesse na cidade ordenada, desejada, conhecida, celeste. (FREITAS, 2003, p.90)

Essa cultura do xarpi em Fortaleza já está na sua quarta geração de pixadores, desde 1986. E tem apresentado, como vimos, inovações de carga semântica e simbólica. A internet é uma ferramenta para a pixação que a partir da geração anos 2000 foi mais utilizada como elemento de divulgação para notícias dos xarpis. São inúmeros canais de comunicação que apresentam referências a pixação, tem os perfis e comunidades no Orkut, os blogs e fotologs de pixadores, os variados vídeos das práticas de pixação no youtube e das músicas feitas para substanciar essa cultura da marginalidade.

Assim, concluo essa pesquisa com esses dados e discussões substanciais, mesmo sabendo que essa cultura constrói novos discursos e elementos a cada dia, e que, portanto, muitos dados não foram incluídos nesse trabalho. Mas esse apanhado foi uma tentativa de clarear as percepções e opiniões sobre a pixação, de um modo a compreender a complexidade dessa cultura juvenil.

A importância sociológica desta pesquisa é registrar dados e discussões dessa manifestação urbana social na cidade de Fortaleza, ação construída com a ajuda de pesquisadores interessados neste campo de estudo (Santiago, Freitas), bem como os pixadores que estão catalogando imagem e reconstruindo narrativas sobre pixação, alguns deles: (Fuga RM, Zarco PNG, Raposão FG, Tira GU e outros).

Essa pesquisa sensibilizou o meu olhar para a cidade e me faz lê-la de uma nova forma. Percorro-a olhando seus muros, prédios, placas, marquises, reconhecendo nesses espaços de concreto inscrições que falam por si (simbolicamente) e que falam de alguém (pixador), que naquele momento está presente em outro lugar na cidade, possuindo novos territórios, mas que na minha leitura também se faz presente no seu xarpi. É como se eu tivesse ganho a senha de acesso para decodificar essa cultura, e continuo a trafegar pela cidade reconhecendo suas centenas de integrantes que vivem na cidade mas que ninguém os vê. Escondidos da sociedade por causa da ilegalidade e, ao mesmo tempo, visíveis nos pixos que as incomodam. Assim, vai acontecendo essa prática intensa de contraditório e dinâmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANEVACCI, Massimo. **Culturas Extremas** – Mutações juvenis nos corpos da metrópole. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 7.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

COSTA, Jones Vieira da. **A galera do xarpi carioca**. (Monografia em Comunicação Visual – Jornalismo). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. **Mil Platôs**, vol.5, São Paulo, Editora 34, 1997.

DIÓGENES, Glória. **Enigmas do Medo** – Juventude, afetos e violência. Belo Horizonte, PUCMinas, 2011.

_____. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e movimento hip hop. São Paulo: ANNABLUME, 1998.

_____. **Imagens e narrativas**: registros afetivos. In: Perspectiva. (Revista do Centro de Ciências da Educação/UFSC). Florianópolis, vol. 22, n. 02, p.471-493, jul./dez.2004.

FERRARA, Lucrécia. **Cidade**: fixos e fluxos. In: Flagelos e horizontes do mundo em rede. Porto Alegre, Sulina, 2009.

_____. **O olhar periférico**. São Paulo: Edusp, 1993.

FREITAS, Joelma Maria. **Imagens da juventude no espaço urbano**: corpos, símbolos e signos da cultura visual. (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais). Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2003.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção primeiros passos; 312)

MAGNANI, José Guilherme C. **Os circuitos dos jovens urbanos**. In: Tempo Social. (Revista de sociologia da USP). São Paulo, vol. 17, n. 02, nov./2005.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PAIS, Machado. **Traços falantes** : a cultura dos jovens graffitters. In: Traços e Riscos de Vida. Lisboa, Ambar, 2000.

PALLAMIN, V. M. **Arte Urbana**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

SANTIAGO, Naigleison Ferreira. **Gangues da Madrugada**: práticas culturais e educativas dos pichadores de Fortaleza nas décadas de 1980 e 1990. (Dissertação de mestrado em educação). Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo, Perspectiva, 2001.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Org. Evaristo de Moraes filho. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **A Metrópole e a vida do Espírito** [1903]. In: Carlos Fortuna (org). Cidade,. **Cultura e Globalização: ensaios de Sociologia**. Oeiras, Celta Editora, 1997.

VASCONCELOS, José Gerardo. **Totalitarismo e anistia**: o pecado e o perdão na esfera da política. (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais). Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1993.

GLOSSÁRIO

AGENDA – Na cultura da pixação é comum cada pixador possuir uma agenda ou caderno que serve para guardar xarpis de companheiros e/ou de pixadores famosos. A agenda é um espaço de honra para o pixador, esse material adquire uma simbologia de poder, na medida em que os xarpis viram assinaturas raras. A agenda pode, então, ter um valor financeiro com a comercialização dos xarpis.

ANTA – Vem do termo antigo. “Das anta” significa “das antigas”, algo referente ao passado.

BAFOS – Vem de bafon (bafão), que significa "confusão, notícia surpreendente", "fofoca". Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/bafon/> Acesso: 15/05/12, às 14hs.

CONSIDERADO – termo de prestígio que o pixador ou gangue adquire na pixação pelo seu valor na história ou poder de fama.

DISTRITOS – referência aos distritos policiais, delegacias.

FICAR – rolo, paquera. Significa um namoro informal sem tantas exigências de compromisso.

FUROS – é quando algo deu errado, saiu fora do planejado.

GAMBÉS – polícia.

GRIFF – grupo de pixadores, a marca que reúne eles. O mesmo que sigla, gangue, família.

IMORTALIZAR – no imaginário dos pixadores, imortalizar que dizer tornar vivo o xarpi ou pixador para sempre na cultura da pixação. Há várias formas de imortaliza-los.

JET – é a tinta em spray. O mesmo que lata, “tala”, spray, tinta.

PAREDÃO – muro muito longo, não necessariamente alto.

PICO – pixação em altura.

PIXOS – pixações, xarpis, inscrições urbanas.

RODAR, RODADAS – significa ser descoberto pela polícia, ou por alguém na sociedade no momento da pixação. Ter o corpo violentado como repreensão.

ROLÊS – saídas pela cidade.

SIGLAS – a família, grupo ou gangue a qual pertence o pixador. São denominadas por frases mas cotidianamente faladas através da sua abreviação. Exemplo: G.D.R. “Garotos de Rua”.

TALA – o mesmo que lata de spray.

TAG – é o mesmo que assinatura. Pode ser assinatura do autor do grafite, como também a assinatura solta pelos muros.

VACILAR – errar, bobear.

XARPIS – pixações, pixos, inscrições urbanas.

LISTA DE ENTREVISTAS

Tubarão, pixador de (1995 a 1999) e grafiteiro desde 1999. Entrevista pessoalmente em 2009.

Scorpion S.R. “Suicidas de Rua”, entrevista feita pelo MSN, data: 27/03/10.

Snow T.B. “Terrorista dos Bairros”, entrevista feita pelo MSN, data: 27/03/10.

Demo W.S. “Wild Street”. Começou com 13, 14 anos. Hoje (2010) tem 28 anos. Entrevista realizada pessoalmente no bairro Carlito Pamplona em 16 de setembro de 2010.

MALA W.S. “Wild Street”. Tem 14 anos (2010), começou recentemente. Entrevista realizada pessoalmente no bairro Carlito Pamplona em 16 de setembro de 2010.

Sask D.N.G. “Detonando no Grafite”. Entrevista realizada pessoalmente no bairro Carlito Pamplona em 16 de setembro de 2010.

Boy L.D.P. “Loucos, Delinqüentes e Psicopatas”, 14 anos. Entrevista realizada pessoalmente no bairro Carlito Pamplona em 16 de setembro de 2010.

Snow T.B. “Terrorista dos Bairros”, entrevista na Reunião dos V.S. no Pólo de Lazer da av. Leste Oeste, data: 26/03/11.

Snow T.B. “Terrorista dos Bairros”, entrevista feita pelo MSN, data: 21/11/11.

Pango S.A. “Sujando e Anarquizando”, 37 anos, começou na pixação em 1989. Entrevista na Reunião dos G.D.R. “Garotos de Rua”, no Cuca da Barra do Ceará, 04/03/12.

Seco G.D.R. “Garotos de Rua”, 32 anos, geração 90. Entrevista na Reunião dos G.D.R. “Garotos de Rua”, no Cuca da Barra do Ceará, 04/03/12.

Fuga R.M. “Rebeldes da Madrugada”, 35 anos, geração 90. Entrevista na Reunião dos G.D.R. “Garotos de Rua”, no Cuca da Barra do Ceará, 04/03/12.

Cancão R.P.M. “Rebeldes Protestantes da Madrugada” depoimento no presente vídeo “Fuga RM entrevista Cancão RPM”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pokRBK086DE&feature=relmfu>> Visualizado em: 30/04/12, às 18hs.

Raposo F.G. “Feras dos Grafiteiros”, entrevista feita em 30/08/09. Disponível em: <http://www.fotolog.com.br/junimroots/38338020> Visualizado em: 05/05/12, às 13hs.

Fotógrafo da galeria Choque Cultural. Disponível em: <http://repique.blog.terra.com.br/2008/10/27/fotografo-conta-detalhes-da-pichacao-na-bienal/> Visualizado em: 05/05/12, às 15hs.

Crazy G.F. depoimento no presente vídeo “Fuga RM & AMIGOS.mpg” Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=0EO-TfUFlgs>> Visualizado em: 05/05/12, às 13hs.

Déia R.P.M., depoimento presente no vídeo: “Fuga RM Entrevista DEIA RPM.wmv”

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=F0-tRZigSm4&feature=relmfu>>

Visualizado em: 05/05/12, às 14hs.

Raposo F.G “Feras dos Grafiteiros”, depoimento presente no vídeo “Fuga, RM & AMIGOS.mpg” Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=0EO-TfUFlgs>>

Visualizado em: 05/05/12, às 14hs.

Hugo foi BECK E.M. “Esquadrão Maligno”. Entrevista feita pelo MSN dia 09/05/12, às 19hs.

Cripta Djan, depoimento presente no vídeo “ Pichação busca reconhecimento e é discutida por acadêmico”. Disponível em :

<http://www.youtube.com/watch?v=UzuCPnDFa4w> Visualizado em: 11/05/12, às 23hs.

Caroline **Pivetta** da Mota, depoimento presente no vídeo “Pichação busca reconhecimento e é discutida por acadêmico”. Disponível em :

<http://www.youtube.com/watch?v=UzuCPnDFa4w> Visualizado em: 11/05/12, às 23hs.

Canevacci, depoimento presente no vídeo “Pichação busca reconhecimento e é discutida por acadêmico”. Disponível em :

<http://www.youtube.com/watch?v=UzuCPnDFa4w> Visualizado em 11/05/12, às 23hs.
